

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

Danilo Salles Faizibaioff<sup>1</sup> & Andrés Eduardo Aguirre Antúnez<sup>2</sup>

**Resumo:** O psicopatólogo de origem polonesa Eugène Minkowski (1885-1972) escreveu *O Tempo vivido* em uma época na qual o acelerado processo de industrialização e globalização passava a prejudicar a vivência subjetiva do tempo na vida humana moderna. Em 1933, publicou, em dois livros, este estudo fenomenológico e psicopatológico, sete anos após haver defendido sua tese da perda do contato vital com a realidade como essência da afecção esquizofrênica. Neste artigo, empreendemos um resumo do primeiro livro desta obra, denominado *Ensaio sobre o aspecto temporal da vida*, ainda não totalmente traduzido para o português. Utilizamos-nos de diversas citações literais do autor, visando penetrar em sua semântica pessoal e, como ele, valorizando os gestos e linguagem peculiares a cada um de nossos semelhantes na apreciação do viver humano. Capítulo por capítulo, contemplamos as facetas que descreveu sobre o Tempo enquanto fenômeno vital essencial: o devir, os caracteres essenciais do ímpeto pessoal, o contato vital com a realidade, o futuro, a morte e o passado. Tal estudo tem se mostrado útil para a consideração fenomenológica do tempo na prática do Acompanhamento Terapêutico (AT), de forma que expusemos algumas vinhetas e situações clínicas pontuais de experiências próprias vividas neste enquadre, visando ilustrar as ideias de Minkowski e demonstrar sua fecundidade para a clínica e a psicopatologia contemporâneas.

**Palavras-chave:** Tempo vivido, fenomenologia, psicopatologia fenômeno-estrutural, acompanhamento terapêutico.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Departamento de Psicologia Clínica da USP e membro do Laboratório PROSOPON. E-mail: [danilo.faizibaioff@usp.br](mailto:danilo.faizibaioff@usp.br).

<sup>2</sup> Professor Livre-Docente do Departamento de Psicologia Clínica da USP e coordenador do Laboratório PROSOPON. E-mail: [antunez@usp.br](mailto:antunez@usp.br).

## On the temporal aspect of life in Minkowski: revisiting *The Lived Time*

**Abstract:** The polish psychopathologist Eugène Minkowski (1885-1972) wrote *The Lived Time* in an era in which the accelerated process of industrialization and globalization had begun to harm the subjective experience of time in modern human life. In 1933, in two books, he published this phenomenological and psychopathological study, seven years after had defended his thesis about the loss of vital contact with reality as the essence of schizophrenic illness. In this article, we undertook a summary of the first book of this work, called "Essay on the temporal aspect of life", not yet completely translated to Portuguese. We used several literal quotes from the author, seeking to penetrate into his personal semantic and, as him, valuing the gestures and language peculiar to each of our similar in the appreciation of human living. Chapter by chapter, we contemplate the points he described about Time as a vital phenomenon of life: the becoming, the essential character of personal impulse, the vital contact with reality, the future, the death and the past. This study has been useful for the phenomenological consideration of time in the practice of Therapeutic accompaniment (AT), so we expose some vignettes and specific clinical situations of our own experiences in this setting, aiming to illustrate the ideas of Minkowski and demonstrate its fruitfulness for contemporary clinic and psychopathology.

**Keywords:** Lived time, phenomenology, phenomeno-structural psychopathology, therapeutic accompaniment

### 1. Minkowski, o Tempo Vivido e a Análise fenômeno-estrutural

Há 80 anos, o fenomenólogo, psicopatólogo e psiquiatra Eugène Minkowski publicava sua célebre obra *O Tempo Vivido* (Minkowski, 1973), influenciado fundamentalmente por Henry Bergson e Edmund Husserl. Para Ales Bello (2013), Bergson e Husserl foram os dois maiores expoentes filosóficos do século passado, pois "se deram conta e procuraram frear a interpretação redutiva do ser humano" (p. 10), fruto histórico da aplicação dos princípios metodológicos das ciências naturais para o entendimento científico do homem.

No âmbito médico-clínico, Minkowski encontrou respaldo em Bleuler, cuja psicopatologia, "diferentemente da ênfase descritiva e classificatória de

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

Kraepelin, fundava-se na busca da delimitação precisa do 'transtorno gerador' do distúrbio mental<sup>3</sup> (Pereira, 2004, p.126). Visando, como definira num artigo publicado dez anos antes de *O Tempo Vivido*, "penetrar mais profundamente na origem e na natureza do fenômeno mórbido como tal" (Minkowski, 1923/1970, p.22, tradução nossa<sup>4</sup>), dedicou-se ao estudo das patologias mentais através do método fenomenológico e, nesta empreitada, deparou-se com a fertilidade da noção bergsoniana do tempo vivido (Tatossian, 2012).

Não só a compreensão das afecções mentais enriqueceu-se sob a égide da contemplação fenomenológica do tempo, como também se tornavam as próprias "considerações fenomenológicas, às vezes demasiado abstratas em si... 'mais 'palpáveis' pelo feito de aplicá-las à psicopatologia" (Minkowski, 1973, p.161). *O Tempo Vivido* encerra uma *retroalimentação* entre os campos da Filosofia e da Psicopatologia que, associada às experiências clínicas radicais de convivência diária de seu autor com pacientes graves, leva-o ao desenvolvimento da *Análise Fenômeno-Estrutural* em Psicopatologia (Minkowski, 1966/1999). E, de acordo com Barthélémy (2012), esta análise expande-se numa dimensão

simultaneamente mais extensiva e mais intensiva: mais extensiva no sentido em que Minkowski se dá conta de que seu método pode se estender à compreensão da subjetividade não-patológica; mais intensiva porque compreende que ele deve também se exercer em profundidade, portanto, de modo intensivo, na compreensão não somente do

---

<sup>3</sup>Ainda que Minkowski tenha se diferenciado de Bleuler ao considerar a essência da afecção esquizofrênica na *perda do contato vital com a realidade*, e não na clivagem da personalidade (esquize do eu), como este propusera através do conceito de *Spaltung* (Barthélémy, 2012).

<sup>4</sup> Todas as reproduções das obras de Minkowski citadas neste artigo foram traduzidas pelos presentes autores. Assim, dispensaremos a repetição da "tradução nossa" nas próximas citações.

transtorno, mas da singularidade da pessoa, normal ou patológica (Barthélemy, 2012, p. 98).

Tanto o é que sua esposa, Minkowska, estuda o funcionamento mental de Van Gogh e Seurat através da análise fenômeno-estrutural de suas obras artísticas, revelando-se, respectivamente, a predominância do pólo epileptóide e esquizóide na estrutura da personalidade destes pintores (Villemor-Amaral & Yazigi, 2010).

## 2. Os Cenários da Psicopatologia Contemporânea

No curso do saber psiquiátrico atual, constata-se a acentuada perda de influência dos modelos compreensivos europeus na classificação e sistematização dos diferentes arranjos psicopatológicos, bem como nos caminhos para seu diagnóstico. A partir da publicação do DSM-III (APA, 1980), fortemente influenciado pela ideologia anglo saxônica, desaparecem os sistemas nosológicos e emergem *cada vez mais numerosas* e econômicas descrições sindrômicas dos quadros mórbidos, numa tendência eminentemente nosográfica (Burkle, 2009). Neste cenário, a compreensão fenomenológica ou mesmo psicanalítica dos fenômenos patológicos começa a sair de cena.

No campo da terapêutica, conseqüentemente, pipocam abordagens breves e operacionalizadas, baseadas em evidências, garantindo resultados empiricamente sustentados. Paralelamente, condenam-se tratamentos embasados em modelos antropológicos que não prescindem da construção e do estabelecimento de uma relação interpessoal entre clínico e paciente, senão que a tomam como caminho de cura (Antúnez, 2012). Estes são vistos, *a priori*, como "longos" e, por isso mesmo, *caros* e antiquados; afinal, não há mais tempo para "deter-se com calma, tranquilidade e serenidade no cotidiano, onde o espaço de

um ambiente de uma metrópole não se harmoniza com as necessidades fundamentais que cada ser exprime em seu espaço interior" (Antúñez, 2012, p. 58).

### **3. Valor heurístico de uma obra pessoal**

Ainda assim, a Análise Fenômeno-estrutural tem influenciado diferentes estudos nos campos da Psicologia, Psiquiatria, Psicopatologia e Educação. Recentemente, Mahfould e Massimi (2013) apontaram que o trabalho clínico de Minkowski "propõe intervenções viáveis... no campo da psicoterapia" (Mahfould e Massimi, 2013, p. 17). Marmorato (2012) estudou a problemática do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) pela égide do fenômeno temporal da atividade descrito por Minkowski (1933/1973). Zegers (2011) destacou a pertinência de sua produção para a compreensão da esquizofrenia e do transtorno bipolar na atualidade, tanto que foi publicada uma primeira tradução ao português do primeiro capítulo de *O Tempo Vivido* (MINKOWSKI, 2011). Antúñez, Barretto e Safra (2011) apontaram suas contribuições para o Acompanhamento Terapêutico (AT), demonstrando que o trabalho de Minkowski constitui "um paradigma do fazer clínico e ético do AT"<sup>5</sup> (Antúñez, Barretto e Safra, 2011, p.19).

---

<sup>5</sup>Assim como o trabalho de Minkowski, o Acompanhamento Terapêutico (AT) também insere-se no campo da Psicopatologia (Chauí-Berlinck, 2012). No *Laboratório Prosopon*, do Departamento de Psicologia Clínica da USP, trabalhos de mestrado e doutorado estão sendo desenvolvidos de modo a fundamentar a prática clínica do AT, modalidade coadjuvante cada vez mais usada em Saúde Mental, a partir da Análise Fenômeno-Estrutural. Apresentamos, no recente III Congresso de Clínica Psiquiátrica do IPq-HCFMUSP, um trabalho, em formato de pôster eletrônico, referente aos avanços terapêuticos obtidos em dois anos de trabalho de AT com uma paciente dependente química e diagnosticada com Transtorno de Personalidade *Borderline*, demonstrando-os através da análise fenômeno-estrutural (D.S. Faizibaioff & A.E.A. Antúñez, 2014).

Já Martins Costa e Medeiros (2009) chamaram a atenção para os potenciais prejuízos em uma consulta clínica quando os profissionais de saúde, de uma forma geral, não consideram a temporalidade subjetiva na lida com a demanda trazida pelo paciente. Ademais, retomam resumidamente algumas partes de *O Tempo Vivido*, e trazem a importante observação de que Bergson, em sua concepção do tempo-qualidade, fora já influenciado por Santo Agostinho (354-430 d.C.), com sua noção do tempo psicológico<sup>6</sup>.

Enquanto Forghieri (2007) destacou a influência da concepção antropológica do autor em seu trabalho sobre aconselhamento terapêutico, no ano anterior, três livros haviam sido publicados contemplando a produção minkowskiana na abordagem da problemática do abuso de substâncias psicoativas (Messas, 2006), da consideração científica da singularidade (Calderoni, 2006) e da construção de uma fenomenologia da psicoses (Tatossian, 2006). Dois anos antes, Cardinalli (2004) ressaltara-a na consolidação do dispositivo terapêutico da *Dasainanalyse*.

Cunha (2005) estudou a temporalidade subjetiva de professoras do ensino primário, relacionando-a com suas práticas educativas. Pereira (2004) ressaltou a atualidade das considerações minkowskianas sobre a esquizofrenia e de seu método fenômeno-estrutural, baseado "no encontro mais próximo possível com o humano" (Pereira, 2004, p. 127), enquanto Silva Neto (2004) os endossou ainda mais, atrelando sua obra às bases de uma Psicologia a ser construída com solidez no século XXI.

---

<sup>6</sup> Segundo Ales Bello (2004), a importância do trabalho deste filósofo medieval reside na consideração da Pessoa em sua totalidade essencial, rompendo com a tradição platônica que atribuía maior peso à alma isoladamente. Safrá (2009) aponta que o conceito de Pessoa, mais apropriado que o de *Self* no que respeita à compreensão e intervenção clínica frente às problemáticas psicopatológicas da contemporaneidade, desenvolveu-se amplamente a partir do século IV d.C., época de Santo Agostinho.

#### 4. Objetivo

Revisitar e apresentar a primeira parte<sup>7</sup> da obra *O Tempo Vivido* ("Ensaio Sobre o Aspecto Temporal da Vida") de Minkowski (1973), utilizando, por vezes, traduções literais do texto. Alguns exemplos ilustrativos da contemplação das ideias do autor em nossa prática do Acompanhamento Terapêutico (AT), através de vinhetas e situações clínicas pontuais, também são apresentados dentre as notas de rodapé.

#### 5. Justificativa

Constatados o valor heurístico da produção de Minkowski, o atual status da Psicopatologia (dominada pela ênfase meramente descritiva e fenomênica dos transtornos mentais) e considerando a necessidade de desenvolvimento e fundamentação de dispositivos clínicos e diagnósticos capazes de penetrar e intervir mais profundamente nas problemáticas psicopatológicas contemporâneas, tal qual o AT (Cruz, 2012), pareceu-nos de importância não desprezível revisitarmos esta obra. Ademais, ainda não há total tradução dela ao português e, finalmente, no ano passado completaram-se 80 anos desde sua publicação original em francês.

---

<sup>7</sup> Minkowski (1973) afirma, no início do segundo livro de *O Tempo Vivido* ("Estrutura Espaço-Temporal das Perturbações Mentais"), que "as duas partes desta obra... formam um todo vivo e indivisível", mas sem que "sua harmonia seja perfeita" (Minkowski, 1973 p. 161). Constituem-se como dois livros distintos e, por isso, resolvemos publicar a revisão desta obra em dois artigos separados. Ademais, neste primeiro livro apresenta-se a *antropologia minkowskiana*, o que abre caminho para futuras investigações baseadas em uma análise comparativa entre esta antropologia e a psicopatologia propriamente dita.

Antes de a ela passarmos, uma ressalva: assim como a redução fenomenológica comporta, além do valor universal da essência dos fenômenos, a particularidade inalienável do observador que a realiza (Dartigues, 1973; Stein, 2002), não pretendemos, em momento algum, esgotar a compreensão desta obra tão complexa. Antes, apresentamos uma leitura própria que, através das vinhetas clínicas, acreditamos ser de importância não desprezível para os profissionais que lidam com questões psicopatológicas na atualidade, seja teórica e/ou clinicamente.

## 6. O tempo vivido - *Ensaio sobre o aspecto temporal da vida*

### 6.1. *Prólogo*

Minkowski (1933/1973) inicia *O Tempo Vivido* remetendo à questão central da Psicologia, da Filosofia, e mesmo de toda cultura contemporânea à problemática do tempo e do espaço. Posiciona-se junto a Bergson, que criticou a tentativa de compreensão do fenômeno do tempo através da mera transposição técnico-científica dos mesmos métodos utilizados na abordagem do espaço geométrico, inteligível. Minkowski, então elege o *método fenomenológico* para a compreensão essencial do fenômeno temporal, propondo-se a descrever seus caracteres fundamentais ao deter-se, com calma<sup>8</sup>, frente a eles, uma vez que "ir rapidamente não é suficiente"<sup>9</sup> (Minkowski, 1973, p. 07).

---

<sup>8</sup> Em seu *Tratado de Psicopatologia* (Minkowski, 1966/1999), ele destaca a importância de deter-se com calma frente aos fenômenos que se visam estudar, demorando-se neles o tempo necessário para sua contemplação fenomenológica. Em primeiro lugar, há de se saber o que são e precisar seus elementos constituintes, sempre em referência à totalidade estrutural que configuram. Só depois é que vem a preocupação com a gênese de tais fenômenos.

<sup>9</sup> A este respeito, nos vem à mente um paciente muito adoecido, atendido no enquadre do AT, quem não nos cansa de questionar, de forma bastante ansiosa e até intimidadora, quanto tempo ainda levará para que obtenha as melhoras referidas como desejadas. A nosso ver, esta "pressa"



Sobre a Fenomenologia de Husserl e a filosofia de Bergson, duas de suas principais influências, afirma que enquanto a primeira "propôs-se como meta estudar e descrever os fenômenos que compõem a vida, sem deixar-se guiar ou limitar, em suas investigações, por premissa alguma", a segunda visou contrastar, ousadamente, "a intuição à inteligência, o vivente ao morto, o tempo ao espaço" (Minkowski, 1973, p. 09).

A Primeira Grande Guerra exerceu importante influência sobre sua produção: além da mudança de seu idioma de escrita, do alemão para o francês, voltou-se para as questões da clínica psiquiátrica e da psicopatologia sob a égide do fenômeno temporal, o qual se presta à compreensão mais palpável através de sua aplicação ao campo dos estudos psicopatológicos, simultaneamente enriquecidos quando contemplados do ponto de vista da temporalidade subjetiva dos enfermos. Por meio desta obra, assim, revela-se uma retroalimentação entre uma fenomenologia do tempo e a psicopatologia fenômeno-estrutural.

## **6.2. Capítulo I: O devir e os elementos essenciais do tempo-qualidade**

### **(O princípio de desdobramento)**

#### **6.2.1. Preliminares**

Nossa concepção ordinária do tempo remete à sua faceta mensurável, ao *tempo-assimilado-ao-espaço*, como a nomeia Bergson. É o tempo do relógio e do calendário, da Física (ainda que em suas modernas teorias da relatividade), da avaliação médica a respeito da orientação temporal de um sujeito hospitalizado. Trata-se de uma concepção totalmente desenvolvida "de um tempo abstrato que

---

revela sua impossibilidade de experimentar a *dimensão processual* (portanto, incalculável) da experiência temporal, estando seu adoecimento vinculado justamente a isto.

corre independentemente dos acontecimentos que têm lugar ao seu redor" (Minkowski, 1973, p. 18) e ao qual os referimos.

Contudo, tal aspecto quantificável do tempo não esgota a questão do tempo vivido (ou tempo-qualidade), muito mais ampla. A título de exemplo, Minkowski evoca a situação de guerra, onde em nada importavam aos soldados saber que horas eram, ou mesmo há quantos dias estavam lá, pois se estabelecia outro calendário, considerando quantas jornadas já haviam transcorrido ou mesmo quanto ainda faltava para voltarem ao acampamento e repousar. Seu sofrimento, no *front*, era de natureza temporal<sup>10</sup> e, por todos estes aspectos, não podiam ser considerados como "seres sem tempo" (Minkowski, 1973, p. 18).

Assim, dando um passo atrás, Minkowski busca contemplar o fenômeno do tempo através do método fenomenológico. Chama a atenção para que, na consideração essencial de tal fenômeno, atentemos a concepções que remetam a um *excesso* de estatismo – revelando o tempo-assimilado-ao-espaço – ou de dinamismo, tal qual a figura de um "caleidoscópio", que nos imbrica à imagem de um turbilhão de acontecimentos, de uma temporalidade concebida apenas como "sucessão perpétua" (Minkowski, 1973, p. 19-20), sem qualquer base de apoio mínima para que nos detenhamos e contemplemos nossa experiência de vida. Segundo o autor, o Tempo comporta estes dois extremos, mas não se reduz a nenhum deles.

### 6.2.2. O devir

Que é, pois, o tempo? Minkowski, seguindo Bergson, responde que é esta "'massa fluida', esse oceano em movimento, misterioso, grandioso e poderoso que vejo em torno de mim, em mim, em todas as partes, em uma palavra,

---

<sup>10</sup> Os fenômenos irracionais ou de natureza temporal aos quais se refere Minkowski são aqueles que, "se fluem *no tempo*, contêm, por outra parte, o tempo *em si mesmos*" (Minkowski, 1973, p. 21). Neste sentido, Safrá (1999) afirma que o ser humano, em essência, não só está no tempo e no espaço, como é tempo e espaço.

quando medito sobre o tempo. É o *devoir*", que implica a marcha existencial humana "em direção a um futuro indefinível e inacessível" (Minkowski, 1973, p. 22).

Comportamos a faculdade de confundirmo-nos com as "ondas poderosas" que constituem o *devoir*, sendo esta a única maneira de renunciarmos ao nosso eu sem consumarmos um ato literal de renúncia. Através dela, somos visitados por sentimentos de "bem-estar e de quietude" (Minkowski, 1973, p. 22).

O *devoir* é compreendido como sinônimo da Vida mesma, em sentido amplo: não tem direção, nem começo, nem fim, "não é reversível nem irreversível", "é universal e impessoal" (Minkowski, 1973, p. 22), já está aí, impossível de ser definido ou capturado por abstrações mentais que o tentem delimitar a partir do raciocínio espacial ou do pensamento discursivo.

O pensamento discursivo não alcança o *devoir* porque está adaptado ao *ser*, e "o *devoir* não se adapta às exigências do *ser*" (Minkowski, 1973, p. 31). Um exemplo são considerações da Lógica que pretendem demonstrar uma contradição interna ao próprio conceito de tempo, concluindo que, "para o tempo, a realidade se reduz a um nada situado entre dois nadas" (Minkowski, 1973, p. 24), isto é, entre um passado e um futuro que não existem, já havendo o primeiro se esgotado enquanto o segundo ainda não se concretizou. Para Bergson, este raciocínio demonstra menos o aspecto contraditório do tempo em si mesmo do que o caráter irracional de tal fenômeno. Por isso, à lógica discursiva opta pelo método intuitivo para o estudo do fenômeno temporal.

#### 6.2.3. Passagem do tempo vivido ao tempo assimilado ao espaço; suas consequências de ordem metodológica

Tanto da faceta mensurável, espacial, quanto da subjetiva, vivida, compõe-se o fenômeno do tempo, o qual

se oferece, por uma parte, como fenômeno irracional, refratário a toda fórmula conceitual; mas, pela outra, enquanto o tratamos de representar, assume, de modo natural, o aspecto de uma linha reta; *é necessário, portanto, que existam fenômenos que venham a intercalarem-se e escalonarem-se entre estes dois aspectos extremos do tempo*, possibilitando a passagem de um para o outro. (Minkowski, 1973, p. 27)

Tais fenômenos também indicariam "por que e como chega o pensamento, de uma forma completamente natural, a assimilar o tempo ao espaço" (Minkowski, 1973, p. 33). Eles possuem este duplo aspecto, de relação com o devir, com o tempo vivido, e o racional-elementar, aproximando-os ao espaço inteligível. Formam, assim, dois escalões fenomenológicos que se interpenetram, sendo o seu *elo* o que Minkowski chama de *princípio do desdobramento*. Este princípio designa a possibilidade da passagem de um para o outro ao nível da experiência. O autor, para ilustrá-lo, dá em seguida o exemplo dos fenômenos temporais da duração e da sucessão.

#### 6.2.4. O devir e o "ser um ou muitos". Os fenômenos da duração que flui e da sucessão. O princípio de continuidade e reiteração

Minkowski observa que "tudo o que é *um* em relação com o devir dura fluindo ou flui enquanto dura; tudo o que é *dois* em relação com o tempo se sucede" (Minkowski, 1973, p. 28). Em seguida, passa a diferenciar a duração e a sucessão vividas de suas facetas racionais/espaciais.

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

A duração vivida está em relação com o devir, atrelada a fenômenos que penetram no fluxo vivente do tempo. Aqui, as noções centrais são de organização vivente e fluxo. É o tempo de **experimental**<sup>11</sup>.

Já a duração elementar, pensada, não penetra no fluxo temporal. Refere-se aos "objetos imutáveis do mundo exterior" (Minkowski, 1973, p. 28), a um  $\Delta t$  (intervalo de tempo) mensurável, constituindo-se de "uma série de instantes que se sucedem" (Minkowski, 1973, p. 31). A noção central, aqui, é a de "pontos justapostos" (Minkowski, 1973, p. 29). Trata-se do tempo do **contabilizar**<sup>12</sup>.

Na sucessão vivida opera um fator de **penetração mútua** entre os fenômenos que se sucedem, isto é, "uma solidariedade, uma organização íntima de elementos na qual cada um, representativo do todo, não se distingue nem se isola dele mais do que um pensamento é capaz de abstrair" (Minkowski, 1973, p. 29). Aqui, os acontecimentos que se dão não são independentes uns dos outros, e a "intuição da sucessão" (Minkowski, 1973, p. 30) precede a consciência.

Em sua faceta racional, na sucessão espacial predomina um fator de **justaposição** ou **reiteração contínua**, tratando-se de uma série de eventos isolados que se sucedem, *ainda que gerando uma idéia de continuidade*. Aqui, é a consciência que antecede a noção intuitiva de sucessão. Ainda que não careça de dinamismo, a sucessão racional não se reduz à imagem do caleidoscópio, da sucessão perpétua, pois, ao contrário desta, gera um sentimento de estabilidade, consistência, extensão, apaziguamento e segurança, à medida que nos leva à

---

<sup>11</sup> Cf. Barthélémy, 2012.

<sup>12</sup> Uma paciente com histórico de abuso de substâncias psicoativas e múltiplas internações costumava nos dizer: "Não aguento mais: 6, 7, 8 meses de abstinência... Minha vida resumiu-se a isso". Depois de muitos meses de trabalho de AT, foi possível que experienciasse e enunciasse de outra maneira a vivência temporal da abstinência: "Dei-me conta ontem que, em agosto, *completo* 1 ano limpa". Vemos a diferença entre a duração racional, no primeiro caso, e a duração vivida, no segundo, em relação ao fenômeno da abstinência.

noção de *continuidade vivida*. Contudo, a continuidade vivida continua sendo um desdobramento da atividade mental, pois, em essência, "não temos diante de nós continuidade estabelecida, não; temos diante de nós o tempo, que se perpetua e se renova continuamente em seus elementos" (Minkowski, 1973, p. 32). Ou seja, nada nos garante que as coisas serão ou continuarão estáveis, embora alguma representação psíquica de continuidade seja necessária para que vivamos com um mínimo de saúde mental.

Tomando estes dois escalões de fenômenos – duração vivida/racional e sucessão vivida/racional – ilustra-se o princípio do desdobramento. Por exemplo, a duração vivida se desdobra na duração racional (contagem numérica) quando nos propomos a representar mentalmente tal fenômeno. No sentido inverso, a duração racional revela a duração vivida quando tratamos de reduzir fenomenologicamente este fenômeno. O que importa, aqui, é a possibilidade de *interpenetração*, ao nível da experiência humana, que ambas facetas guardam em relação aos fenômenos temporais, tomados em sua complexidade fenomenológica.

#### 6.2.5. O devir e "ser uma parte elementar de um todo". O agora e o presente. A homogeneização

O *agora* é um fenômeno de natureza temporal e, por isso mesmo, indivisível, "não porque não se deixe dividir, senão porque o problema da divisibilidade não se coloca a seu propósito" (Minkowski, 1973, p. 36).

Aplicando ao agora o princípio do desdobramento – isto é, tentando representar e fixar mentalmente tal fenômeno –, revela-se o *presente*, ao qual o agora é afim e dele se diferencia em mais de um ponto simultaneamente. O presente é, assim, "um agora que se desdobrou" (Minkowski, 1973, p. 38). Neste caso específico, Minkowski chama tal movimento de *princípio de homogeneização*, uma manifestação particular do princípio de desdobramento.

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

Ao contrário do agora, há *extensão* no presente, embora não se possa precisar seu começo, meio e fim. O presente contém o agora (instante presente), o hoje ou a época atual. Ao contrário do agora, há, em seus limites, alguma fluidez e flexibilidade: "é muito menos abrupto, exclusivo, afirmativo que o agora; é muito mais tranquilo, mais *homogêneo*, mais apaziguador do que aquele. Podemos nos deixar viver no presente" (Minkowski, 1973, p. 38). Comparando-os metaforicamente, o agora é como o pico de uma montanha que produz vertigem, enquanto o presente, mais habitável, uma espécie de planalto no qual nos sentimos cómodos.

O agora é um fenômeno absoluto, engloba "ao menos a parte mais próxima do antes e do depois imediato" (Minkowski, 1973, p. 38), reduzindo a nada o que ele não é; já o presente e o não-presente permanecem num mesmo plano: enquanto o que é agora existe, o que não é agora inexistente, ao passo que o que é e o que não é presente (por exemplo, o passado e o futuro) existem, resultando em formas diversas da existência.

O agora, em suma, é apontado por Minkowski como um fenômeno mais originário que o presente.

### 6.2.6. O devir e "ter uma direção". O fenômeno do ímpeto. O princípio de fracionamento e continuidade.

Ao encarar o devir com a noção de direção, se nos apresenta à consciência o Ímpeto (*Élan*) Vital ou Pessoal, constituindo-se como um fenômeno de natureza temporal ou irracional. Ao manifestar-se, confere direção ao devir.

"O ímpeto vital cria diante de nós o futuro e é isso o que ele faz" (Minkowski, 1973, p. 39), de forma que o Ímpeto e o Futuro formam, fenomenologicamente, uma só coisa, tamanha a intimidade de seu vínculo. Assim, "na vida, tudo o que tem uma direção no tempo tem ímpeto, avança, tende em direção ao futuro" (Minkowski, 1973, p. 39), resultando que as

vivências "eu avanço" e "o mundo avança" (Minkowski, 1973, p. 40) não são, portanto, mais que uma só coisa.

A marcha existencial humana repousa sobre o ímpeto vital: não se trata de um movimento de ser puxado por forças externas, mas quer dizer que "tendo espontaneamente com todas minhas forças, com todo meu Eu, em direção ao futuro, realizando, assim, toda a plenitude da vida de que em geral sou capaz deste ponto de vista" (Minkowski, 1973, p. 40).

Sobre a inescapável tarefa da significação da experiência humana, Minkowski ressalta que "o futuro transporta ondas poderosas, porém cinzas e caóticas, que tudo submergem ao seu passo. Somente partindo do ímpeto vital e através dele o devir inteiro faz-se irreversível e começa, então, a ter um *sentido*" (Minkowski, 1973, p.40).

Em termos da nossa existência no mundo, atribui ao fenômeno do ímpeto sua faceta mais originária, afirmando que, "no fundo, não há mais que um único fenômeno, o do ímpeto vital" (Minkowski, 1973, p. 40). Em outras palavras, "não há em nós mais que um desejo primitivo, o de viver e obrar" (Minkowski, 1973, p. 49).

O ímpeto transcende a mera voluntariedade de nossa ação no mundo, pois "não se deixa reduzir a qualquer volição ou a alguma tendência dirigida a um fim preciso", e sempre busca, todavia, "o fim ou os fins mediante os quais chegará a depositar algo concreto em seu caminho" (Minkowski, 1973, p. 41). É "geral e indefinido", nunca se esgotando nas "metas alcançadas" (Minkowski, 1973, p. 41).

Contrariamente à memória – limitada e produtora de uma noção de futuro previsível, concebido como mera projeção de elementos do passado –, o ímpeto é ilimitado, abrindo à nossa frente um futuro infinito de possibilidades, indefiníveis e imprevisíveis por essência.



Em relação a seu aspecto vetorial, "nunca é primitivamente um ímpeto que parta de... senão unicamente um ímpeto em direção a" (Minkowski, 1973, p. 42), isto é, prescinde da noção de pontos de chegada ou de partida, como sugere o raciocínio espacial. Ainda que, aplicando a tal fenômeno o princípio do desdobramento (i.e., tentando representá-lo pelo pensamento discursivo), visualizemos não um ímpeto em direção a X, senão um que parte de A e chega a B, fracionando-se em ímpetos particulares que compõe uma linha reta, nota-se que esses diferentes momentos particulares *seguem-se uns aos outros*, de forma que "este fenômeno de continuidade ou de trama nos parece muito mais essencial que os elementos de que se compõe" (Minkowski, 1973, p. 43). Ou seja, a noção de encadeamento, penetração ou continuidade é mais primitiva que a dos diversos momentos que abarca.

Minkowski continua sua descrição de tal fenômeno afirmando que "basta que algo esteja ali para que o ímpeto se separe imediatamente, porque seu olhar permanece sempre atrelada ao futuro" (Minkowski, 1973, p. 42). Ainda que tendamos, com todo nosso ser, em direção à realização de um objetivo preterido, "sempre subsistirá o ímpeto criador, nostálgico e poderoso que escruta o horizonte sem nele projetar a mais mínima representação precisa" (Minkowski, 1973, p. 43). Daí o seu caráter irracional e temporal.

Isto implica que, mesmo ao alcançarmos uma meta ou disso estarmos perto, já tenderemos a outro objetivo: a tarefa terrena nunca está terminada, "sempre há que avançar" (Minkowski, 1973, p. 44), sendo que

somente excepcionalmente brota desta necessidade um sentimento de angústia; para isso são necessárias condições completamente anormais; porque, na realidade, este escalonamento de objetivos e a progressão que nele se opera são a expressão da força, do vigor, da afirmação da vida mesma. (Minkowski, 1973, p. 44)

Assim, à causa do ímpeto vital, "o futuro vivido nos é dado, sem dúvida alguma, de maneira muito mais primitiva que o passado", pois aquele comporta o "fator criador" (Minkowski, 1973, p. 42), neste inexistente. O ímpeto nos orienta ao futuro, enquanto a memória, atrelada ao registro e à captação de eventos e coisas, está mais próxima ao campo do saber, de modo que ocupa "um lugar secundário em uma análise do tempo vivido" (Minkowski, 1973, p. 76-77). Vivemos, assim, o futuro de um "modo muito mais direto e imediato" do que o passado, pois somos essencialmente orientados a ele por nosso ímpeto (Minkowski, 1973, p. 77).

### 6.3. *Capítulo II: Os caracteres essenciais do ímpeto pessoal.*

*(Os pontos de intersecção no devir. O princípio da união mais além do Eu ou princípio da união transpessoal)*

#### 6.3.1. O Ímpeto Pessoal

Através do ímpeto pessoal, o Eu se afirma, de forma poderosa, como personalidade frente ao devir: "eu tendo adiante e deste modo *realizo* algo" (Minkowski, 1973, p. 45). A realização é um fenômeno mais originário que o sucesso ou o fracasso que atribuímos aos nossos feitos. Em outras palavras, o aprendizado gerado de nossa atividade no mundo, a partir de nossos insucessos e êxitos, bem como a noção de previsão dos resultados de nossas ações, nada disso seria possível sem a faceta originária de *podermos realizar algo* que nos é dada pelo ímpeto; em primeiro lugar, "somos capazes de obrar e de realizar" (Minkowski, 1973, p. 59).

O ímpeto revela a "tendência de *todo* o Eu em direção à realização de uma meta" (Minkowski, 1973, p. 46, *itálico nosso*), sendo que, uma vez alcançada, "a justaposição do eu e da coisa realizada, assim como sua união pelo ímpeto, fundem-se totalmente no devir" (Minkowski, 1973, p. 47). Sobre a relação entre o ímpeto e o devir, afirma o autor:

O devir, carregado de correntes subterrâneas desconhecidas e poderosas, concentra em si o sentido mesmo da vida, juntamente com o sentido do eu, e este vem, em seu ímpeto pessoal, como a encontrar-se com estas correntes; daí a imagem de *pontos de intersecção*. (Minkowski, 1973, p. 48)

### 6.3.2. O caráter supraindividual. A dimensão em profundidade e a esfera do inconsciente<sup>13</sup>

Sobre a clássica questão filosófica da existência do Eu frente ao mundo, Minkowski recoloca-a em termos temporais: "Como pode o ímpeto pessoal subsistir frente ao devir, que exclui de si todo atributo ou, o que vem a ser o mesmo, que submerge em suas ondas tudo o que encontra em seu caminho?" (Minkowski, 1973, p. 48).

Ele aponta que não há de se tentar *responder* a esta pergunta, mas, antes, em harmonia com os princípios do método fenomenológico, deixar-se fundir, progressivamente, nos fenômenos vitais que temos à nossa frente, tentando "desemaranhar, em toda sua complexidade, a forma como se situam a respeito da questão levantada" (Minkowski, 1973, p. 48).

Quanto à sensação de nos sentirmos completamente impotentes frente à imensidão do mundo, às poderosas ondas do devir, esta só pode ser decorrência de um movimento do pensamento discursivo, que tenta separar o ímpeto vital do fluxo temporal do devir<sup>14</sup>. A Fenomenologia não se propõe a

---

<sup>13</sup> Exame do "Eu" em sua relação com o ímpeto pessoal.

<sup>14</sup> Temos notado, frequentemente, estas vivências de "inferioridade perpétua" em pacientes que compensam graves desequilíbrios da personalidade com o desenvolvimento de uma intensa e intelectualizante atividade mental.

decompor os fenômenos para poder explicá-los, senão, antes, visa compreendê-los em sua totalidade.

Embora tudo em torno do eu seja devir, aquele é a expressão de algo que está deste mais além, isto é, em termos da experiência humana, o fenômeno do ímpeto pessoal é o mais primitivo na redução operada pelo autor.

Ressalta-se que o ímpeto não é um fenômeno completamente subjetivo, não vem unicamente do Eu, pois nos torna solidários à vida mesma, à experiência de comunidade. Contém, então, um *fator supraindividual* de forma que sentimos, nos momentos difíceis da vida, que alguma força nos sobrepassa e que, ainda assim, corresponde ao mais *nosso* possível<sup>15</sup>. O fator supraindividual, desta forma, aporta-nos a experiência do *divino*.

Vê-se que o ímpeto pessoal encontra-se no eixo de um devir ainda maior e mais poderoso: "quanto mais afirmo meu Eu, mais afirmo um devir por cima de mim" (Minkowski, 1973, p. 50). Minkowski ressalta que, metodologicamente, chega a tais achados não por um estudo empírico de caráter experimental, ou mesmo por uma especulação filosófica pela via do pensamento discursivo; antes, retomando a importância que Bergson lhes dá, estes são os dados imediatos que se lhe apresentam à consciência quando presta-se à contemplação fenomenológica dos fenômenos vitais dos quais se compõe a vida, tal qual o Tempo.

A redução fenomenológica de Minkowski revela que não se trata a existência do ser de algo como uma balsa frágil sobre o maremoto do devir, senão que consiste numa fusão com suas raízes profundas, formando uma

---

<sup>15</sup> Minkowski opera, aqui, uma analogia (reconhecidamente distorcida) com o superego freudiano. Afirmo que, em relação à existência do ser frente ao mundo, trata-se menos de um "Eu existo" (tomando o ser como ponto de partida) do que de um "Eu me expando por minhas ações e, ao expandir-me assim, afirmo meu eu, e subitamente, no devir, um supereu, quer dizer, ao final das contas, um 'não-eu'" (Minkowski, 1973, p. 50). Ressalta-se, aqui, esta "dualidade indivisível" (Ibid.), que a Ciência tenta quebrar ao focalizar seu olhar no ser e em suas ações no mundo, enquanto a Religião opera a mesma dicotomia na medida em que postula um movimento existencial puramente guiado por forças externas ao ser.

mesma coisa. Somos filhos do tempo, do devir, mais do que, unicamente, da nossa época ou geração e, por isso mesmo, levamos conosco a noção de "destino universal", de uma "esfera de comunhão espiritual" (Minkowski, 1973, p. 50).

Em seguida, descreve a *Dimensão em profundidade* do Eu, "a verdadeira fonte de nossa vida" (Minkowski, 1973, p. 51), mas que tem mais a ver com o devir do que com o ser. *O devir penetra o eu*, criando esta fonte vital poderosa e inacessível, que brota até a superfície e se nos faz conhecer através de suas manifestações vivenciais. Daí a concepção de dimensão que *avança* em profundidade, contrária à mera profundidade estática da geometria.

Enquanto tal *superfície* é limitada e imóvel – relacionada ao âmbito do consciente – há este *fundo* inconsciente<sup>16</sup>, móvel e inesgotável, "essencialmente dinâmico e vivente" e, como tal, "não pode exhibir-se, nem decompor-se, nem expressar-se de forma tão precisa, no sentido racional da palavra, como os elementos conscientes de natureza estática" (Minkowski, 1973, p. 52). É interessante observar, a título de ilustração, que ele considera a manifestação dos fenômenos mórbidos – tais quais as ideias delirantes dos esquizofrênicos – fruto de uma tentativa mental de tornar inteligível aquilo que não se presta à compreensão intelectual, ou seja, do movimento do enfermo de tentar comunicar racionalmente aquilo que é, por essência, incomunicável.

Enquanto a motivação, por exemplo, é classificada como um fenômeno da ordem do consciente, a *introspecção* constitui-se como um dos atos mais essenciais da vida. Ela consiste em olhar para "o que se passa em nosso 'foro interno'" (Minkowski, 1973, p. 53), para este fundo inconsciente que descreve acima. Corresponde ao movimento fenomenológico de dar um passo atrás, sendo que a introspecção não se dá para acessar uma verdade oculta (Minkowski critica, neste ponto, a decifração interpretativa psicanalítica); antes,

---

<sup>16</sup> Os termos "consciente" e "inconsciente", aqui, não são utilizados no mesmo sentido em que a Psicanálise os concebe.

sua importância reside na possibilidade de colocar-nos em contato com esta fonte vital, isto é, "dirigir o olhar em direção ao foro interno não quer dizer descobrir e afirmar o que ali se encontra, senão fazer brotar nosso ímpeto em toda a sua pureza<sup>17</sup>" (Minkowski, 1973, p. 54).

Desta forma, não seria possível conhecermo-nos a fundo, pois este olhar para o foro interno não corresponde a um movimento de acúmulo de saberes sobre si, senão à "renovada tomada de contato com o fundo que constitui a base de nossa vida" (Minkowski, 1973, p. 56). E isto também concerne à nossa atitude com os outros, nossos semelhantes, mais uma vez revelando-se o caráter supraindividual do ímpeto pessoal.

#### 6.3.3. O fator de integração e de materialidade<sup>18</sup>

O ímpeto vital origina a *obra pessoal* que, embora seja minha, integra-se a algo maior, objetivo, transubjetivo: "uma vez realizada, minha obra se libera de mim e continua sua própria vida" (Minkowski, 1973, p. 57). Isto é, se por um lado "tendo com todo o meu ser em direção à realização de uma obra" (Minkowski, 1973, p. 61), pelo outro esta obra, uma vez finalizada, integra o *mundo em marcha*, visando marcá-lo, e tornando ainda mais rico este entorno que se apresenta diante de nós.

A obra pessoal revela-se como uma porta de comunicação entre o eu e o devir, sendo que, através dela, este não seria o que é "senão porque meu ímpeto pessoal vem a integrar-se nele, senão porque *toma corpo nele*" (Minkowski, 1973,

---

<sup>17</sup> Uma paciente dependente química, certa vez, demonstrou-nos seu intenso movimento intelectual pela busca de "explicar o mecanismo de minhas recaídas". Acreditava que sua "cura" passaria por aí, ficando muito surpresa quando o acompanhante terapêutico (at) lhe afirmou, numa postura compenetrada, que talvez não fosse através do intelecto que ela responderia, ou mesmo daria andamento, às suas questões fundamentais. A paciente contou-lhe, algum tempo depois, sentir que "algo em mim" compreendera o que lhe havia sido dito pelo at, embora não pudesse explicar o que ou como.

<sup>18</sup> Exame da "coisa realizada" em sua relação com o ímpeto pessoal.

p. 58) e vice-versa (o devir penetra o eu). Eis, aqui, o *fator de integração* entre estes dois fenômenos. Ademais, a obra possibilita a sensação de tocar o devir, de vislumbrá-lo, de senti-lo como algo "real, efetivo consistente e palpável" (Minkowski, 1973, p. 58), possuindo um *fator de materialidade*.

A obra pessoal não é um fim em si mesmo, senão uma etapa de nossas vidas. Daí sua inescapável *imperfeição* – sempre haverá o que melhorar –, ainda que, através dela, possamos ser visitados pela experiência de *perfeição*. Contudo, estancando-a no extremo da perfeição, cristaliza-se em doutrinas e perde seu elemento essencial; a obra é como nós, inacabada por essência, e, por isso mesmo, fala-se em obra *pessoal*:

Encontrar perfeito o que se criou é introduzir a morte onde não há lugar mais que para a vida, é transformar em deserto o campo fértil da existência. *A obra realizada não faz nascer em nós outra coisa que o desejo de avançar*, mesmo sabendo que as obras que seguem terão este mesmo caráter de relatividade. (Minkowski, 1973, p. 60)

Podemos buscar no ímpeto e na realização da obra pessoal, então, a força necessária para seguir vivendo.

#### 6.3.4. Fator de limitação (de perda)<sup>19</sup>

O ímpeto também contém um fator limitante à medida que, enquanto me concentro em minha obra, "o devir se estende cheio de promessas, de possibilidades, de riquezas insuspeitas" (Minkowski, 1973, p. 61), acontecimentos aos quais renuncio por "estar absorvido por meu ímpeto

---

<sup>19</sup> Exame da dinâmica entre o Eu e a coisa realizada em sua relação com o ímpeto pessoal.

peçoal" (Minkowski, 1973, p. 62). Este fator, ainda que não seja absoluto, barra essa "plenitude completa a que aspiro"<sup>20</sup> (Minkowski, 1973, p. 61).

A limitação comporta uma propriedade de recobrimento, isto é, de podermos atribuir maior importância a determinadas coisas e a outras não. Assim, por exemplo, podemos nos dedicar ao "esquecimento", ainda que temporário, de nossas amarguras e decepções na entrega mesma à realização de nossa obra pessoal<sup>21</sup>.

Todavia, nunca se extinguirá o caráter dramático que nos apresenta este fator de limitação, ainda que este não seja totalitário em relação ao fenômeno originário do ímpeto vital.

#### 6.4. Capítulo III: O contato vital com a realidade

*(Fenômenos baseados no paralelismo. O princípio de penetração ou de participação)*

##### 6.4.1. O contato vital com a realidade

Apartando nossa atenção do ímpeto vital, deparamo-nos com o fenômeno do contato vital com a realidade. Tal postura promove uma libertação do peso originado pelo fator de limitação do ímpeto, de forma que o sentimento de tensão, inerente à realização da obra pessoal e à afirmação do Eu frente ao devir circundante, possa dar lugar à sensação de repouso e relaxamento provenientes da nossa fusão com este mesmo ambiente.

---

<sup>20</sup> Quem de nós, eventualmente, não experimenta a angustiante sensação de estar perdendo inúmeras possibilidades profissionais, dentro ou fora de nosso campo de atuação, por termos feito determinada escolha de carreira e nela focalizado todo o nosso empenho? O quanto aspiramos a uma plenitude epistemológica sobre determinado tema e, diante do mergulho em nossas pesquisas de mestrado e doutorado, sentimo-nos sufocados pela necessidade de recortar um aspecto muito diminuto da realidade, a fim de que nossos trabalhos harmonizem com o rigor acadêmico exigido?

<sup>21</sup> Como diz o dito popular, "cabeça vazia é oficina do diabo".



## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

O contato vital com a realidade é, assim, uma faculdade sublime que nos possibilita uma experiência de dissolução ambiental, de confundirmo-nos com o devir circundante.

Considerando a dimensão em profundidade do Eu (descrita no capítulo anterior) como o resultado da infiltração do devir nas profundezas do Eu, e o contato vital com a realidade, no qual nos dissolvemos nas ondas poderosas do devir circundante, trata-se a experiência humana de uma *penetração recíproca*: "vivemos uma íntima penetração que faz com que o devir nos transporte, mas que, ao mesmo tempo, permite-nos absorver este devir em nós" (Minkowski, 1973, p. 63).

Nota-se uma "oposição natural" (Minkowski, 1973, p. 63) entre os fenômenos do ímpeto vital e do contato vital com a realidade, na qual o ímpeto é mais originário, pois *sem ele naufragaríamos no caos do devir*; em outras palavras, não há como concebermos uma vida puramente contemplativa. Assim, "o fenômeno do contato vital com a realidade segue subordinado ao ímpeto pessoal" (Minkowski, 1973, p. 63), está a serviço do ímpeto, enriquecendo-o "em direção à obra pessoal e ao melhor" (Minkowski, 1973, p. 64).

O contato vital com a realidade é uma *fonte vital* assim como a dimensão em profundidade do Eu, a qual, como vimos, não tanto aporta conhecimentos sobre si quanto coloca-nos em contato com o originário da vida, permitindo-nos sacar forças para seguir vivendo.

A *Inspiração* é descrita como um fenômeno que demonstra esta "união íntima com o devir circundante" (Minkowski, 1973, p. 64), com o qual avançamos de forma harmoniosa, num *Sincronismo Vivido*, isto é, na vivência de um ritmo único, que nos permite avançar na vida "simultaneamente com o tempo" (Minkowski, 1973, p. 68).

Ao desdobrar-se, contudo, o fenômeno do sincronismo vivido através do pensamento discursivo (princípio do desdobramento), pensamos em duas

linhas existenciais que correm paralelamente, uma do devir a outra do ser. Mas, sob a ótica do tempo vivido, tais linhas, ainda que permaneçam paralelas, "se tocam, se *penetram* a cada instante de seu recorrido" (Minkowski, 1973, p. 64). Esta propriedade é o que Minkowski denomina de *princípio de penetração*.

Em seguida, ele descreve três fenômenos – a contemplação, a simpatia e a intuição – como manifestações secundárias que realizam e revelam o contato vital com a realidade.

Na **contemplação**, somos levados pelas coisas que contemplamos, deixando-nos por elas penetrar ao mesmo tempo em que somos visitados pelas experiências que nos aportam<sup>22</sup>. A contemplação é mais do que um maior grau de atenção intencionalmente dispensada a um objeto que se oferece à nossa elaboração perceptiva. Ela exclui a oposição sujeito-objeto: "se eu me absorvo no que contemplo, a coisa contemplada *se anima*, se faz tão viva como eu, penetra até o mais fundo do meu ser, se converte na fonte mesma da minha inspiração" (Minkowski, 1973, p. 65).

A **simpatia** constitui o "dom maravilhoso que levamos em nós de fazer nossas as alegrias e as penas de nossos semelhantes, de penetrarmos nelas inteiramente, de sentirmo-nos em comunhão perfeita, de ser com eles uma só coisa" (Minkowski, 1973, p. 65). É um fenômeno que comporta a faceta da duração.

A penetração simpática é tão íntima que aquilo que compartilhamos com o outro trata-se, em essência, de um só sentimento, ao invés do raciocínio de que algo sentido por este mesmo outro ressoa em mim de forma que experimento afetos similares: "não se trata aqui de penetrar-se de um sentimento do outro, de fazê-lo seu" (Minkowski, 1973, p. 66), mas, antes, de

---

<sup>22</sup> Por exemplo, ao contemplar uma rocha, vivencio uma experiência de concretude e estabilidade. Não se trata de uma projeção psíquica de tais qualidades sensoriais e representacionais sobre o objeto "rocha" mas, antes, de uma abertura fenomenológica do ser que o permite, ao contemplar a rocha, ser *visitado* por tais experiências de concretude e estabilidade.

com ele *vibrar em uníssono*, formando-se, *ao nível da experiência*, uma só coisa. Assim, a relação entre os elementos A e B de uma dupla, por exemplo, é mais primitiva que a própria existência de A e B.

A simpatia possui um fim em si mesma, sem necessidade de ser justificada. É uma "resposta adequada e perfeitamente natural à situação circundante" (Minkowski, 1973, p. 66). Manifesta-se, sobretudo, por ocasião das amarguras e aflições da vida, as quais tocam mais profundamente nosso ser do que os gozos e alegrias. "Há quem possa vir em nossa ajuda quando estamos em apuros e há outros que não podem oferecer-nos mais que sua simpatia, e nós a apreciamos mais justamente porque não têm outra coisa que nos dar" (Minkowski, 1973, p. 66).

A respeito do fenômeno da simpatia, não há como decompô-lo; é primitivo, originário. Contudo, a psicologia clássica tenta-o fazer, dividindo-o em duas etapas: (1) percepção da existência de um sentimento em outrem e (2) reação de acordo com esta percepção.

Temos, então, que "a simpatia é a *a base* mesma da vida sentimental" (Minkowski, 1973, p. 67). A consideração essencial de tal fenômeno encerra uma primeira crítica à primazia da percepção: "como conceber que esta vida, que não é mais que progresso, movimento, ímpeto, penetração, chegue a *imobilizar-se* até o ponto de ser capaz de perceber um objeto, despojado ele mesmo da vida?" (Minkowski, 1973, p. 67).

Uma segunda crítica advém do fenômeno da **intuição**, segundo a qual podemos agir ignorando as informações ambientais obtidas através dos nossos perceptos. Assim, demonstra-se a medida e os limites dos mesmos.

#### 6.4.2. Esquizoidia e Sintonia<sup>23</sup>

O ímpeto vital e o contato vital com a realidade aproximam-se, respectivamente, ao princípio de Esquizoidia e de Sintonia. Minkowski opera uma arqueologia destes conceitos através da história da Psicopatologia a partir de Kraepelin.

Este, em um esforço nosológico, descreveu duas vastas entidades psicopatológicas, quais sejam, a loucura maníaco-depressiva e a demência precoce, reunindo quadros clínicos que, até então, eram considerados como entidades independentes.

Bleuler, em seguida, descreveu os *sintomas essenciais* destas afecções, sobretudo da demência precoce – que passou a ser designada pelo termo Esquizofrenia –, contrapondo-os aos chamados sintomas acessórios, como as alucinações e as ideias delirantes.

Na consideração dos sintomas essenciais, o clínico deveria levar em conta não tanto a presença ou ausência de determinados sinais, mas "*todo o modo de ser do enfermo em relação com a realidade circundante*" (Minkowski, 1973, p. 70). Bleuler postulou que não existiria contato afetivo no esquizofrênico, ao contrário do maníaco-depressivo, mas foi Minkowski quem atrelou esta observação à essência do fenômeno mental mórbido<sup>24</sup>. Em termos operacionais,

---

<sup>23</sup> Tanto esta como a terceira parte deste capítulo remetem à obra "A Esquizofrenia" de Minkowski (1927/2000).

<sup>24</sup> Pereira (2004) elabora este ponto, que o próprio Minkowski considera ser difícil de precisar devido às influências recíprocas de todos estes autores que se interpenetraram à época: "A psicopatologia de Bleuler, diferentemente da ênfase descritiva e classificatória de Kraepelin, fundava-se na busca da delimitação precisa do 'transtorno gerador' do distúrbio mental. Tratava-se, sobretudo, de identificar a perturbação psicopatológica fundamental sobre a qual instala-se o quadro clínico observável. Sob essa perspectiva, os sintomas primários da esquizofrenia exprimiriam uma profunda alteração da personalidade, derivada do conjunto de reações mentais ao transtorno gerador. Este elemento psicopatológico primário era, segundo Bleuler, claramente identificável na esquizofrenia: a desagregação, a clivagem da personalidade, a esquizo do eu. Nas palavras do próprio Minkowski: 'Em vários pontos eu me afasto de Bleuler, e mais particularmente, sob a influência de Bergson, eu vejo o transtorno inicial da esquizofrenia, não em um afrouxamento de associações, mas na perda do contato vital com a realidade; é desta perda do contato que eu tento deduzir os sintomas cardinais e as

entrava em jogo, aqui, a própria personalidade do clínico como instrumento diagnóstico fundamental: trata-se do *diagnóstico por compenetração*<sup>25</sup>, tal como o apontou Binswanger.

A avaliação nosocrônica de Bleuler a respeito do caráter evolutivo da esquizofrenia revelou que tal patologia "parece destruir progressivamente algo essencial da personalidade humana" (Minkowski, 1973, p. 70). Já a loucura maníaco-depressiva dá-se em acessos, os quais desaparecem, sem deixar rastros duradouros, após um período de duração mais ou menos longa. Jaspers descreve as *fases* na avaliação do curso desta enfermidade.

Indo além do campo da caracterologia e retomando os achados de Kretschmer – que diferenciou o esquizóide do esquizotímico e o ciclóide do clotímico –, Bleuler postula a sintonia e a esquizoidia como "*dois princípios fundamentais da vida*", que se referem "a dois lados diferentes do nosso ser, tão essencial um como o outro" (Minkowski, 1973, p. 71), não podendo ser reduzidas a meras funções psíquicas. Tem-se que "a sintonia se refere ao princípio que nos permite vibrar em uníssono com o ambiente, enquanto que a esquizoidia, pelo contrário, designa a faculdade de separarmo-nos deste mesmo ambiente" (Minkowski, 1973, p.71).

A simpatia é "escolhida como fenômeno representativo da sintonia" (Minkowski, 1973, p. 72), embora não a esgote. Já no ímpeto pessoal, haveria um elemento de esquizoidia: queremos não só existir, mas afirmarmo-nos e

---

manifestações mais características da esquizofrenia" (Minkowski, 1973, p. 126-127).

<sup>25</sup> Mais do que um dispositivo classificatório e de sistematização de doenças mentais, o Diagnóstico por Compenetração (Minkowski, 1927/2000) pode ser compreendido como uma postura clínica ética e interventiva. Alude à importância dada às vivências e sentimentos despertados no clínico quando do encontro interpessoal com seus pacientes, sendo, em alguma situações, mais importante que o próprio diagnóstico racional e descritivo (Ibid.). Baseando-se nesta noção, uma pesquisa de mestrado sobre as vivências perturbadoras dos acompanhantes terapêuticos na clínica do AT está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e, também, no escopo do *Laboratório PROSOPON*.

marcar o devir circundante, deixando-nos absorver em nossa obra pessoal e buscando diferenciarmo-nos do ambiente. E, como o ímpeto é o fenômeno mais originário, Bleuler concebe a esquizoidia como um princípio superior.

#### 6.4.3. O ciclo do ímpeto pessoal

O ímpeto pessoal opera uma ruptura entre nós e o mundo. Não queremos apenas confundir-nos e adaptarmo-nos ao ambiente, senão "afirmarmos nossa personalidade, exteriorizar nosso eu mais íntimo, deixar uma impressão pessoal no devir, impor nosso eu ao mundo infinito, produzir algo novo e criar" (Minkowski, 1973, p. 74).

Assim, "quanto mais violento e pessoal é o ímpeto, tanto maior é a oposição entre o eu e o ambiente" (Minkowski, 1973, p. 74). Contudo, há uma limitação nessa separação, pois o ímpeto dá origem à obra que se destaca de nós e *integra-nos* ao devir circundante. Minkowski chama a atenção para que

existem ali *limites* que o ímpeto pessoal jamais sobrepassa; ali onde a voz do ímpeto pessoal se faz demasiado poderosa e é tomada ao pé da letra, ali, em uma palavra, onde se quer criar algo *absolutamente* pessoal e onde não se quer mais que isto, a obra não se faz cada vez mais revolucionária ou cada vez mais original; não, se degrada e então não é mais que o gesto de um pobre desequilibrado ou de um enfermo; a vida passa por ela sem nem sequer prestar-lhe atenção<sup>26</sup>. (Minkowski, 1973, p. 74)

---

<sup>26</sup> Uma paciente esquizofrênica, cujo AT iniciou-se após inúmeras internações, passava diversas horas de seus dias tentando produzir um projeto de engenharia química revolucionário. Dedicava-se à concepção mental de uma "mega-empresa", que viria a falir todas as supostas concorrentes da área, ao criar algo jamais antes imaginado no ramo. Gastava bastante dinheiro com livros acadêmicos, os quais não compreendia, e calculadoras científicas, cujo manuseio se lhe mostrava absolutamente enigmático. Seu cotidiano era marcado por este ciclo mórbido.

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

É a intuição, enquanto manifestação do princípio de sintonia, que nos estabelece esses limites.

Percebe-se, assim, um *ciclo*: uma vez finalizada a obra, produz-se uma trégua; "desaparece a ruptura do contato com o ambiente; de novo experimentamos a necessidade de confundir-nos com ele, de sacar dele novas forças" (Minkowski, 1973, p. 74). Após este momento de *repouso*, ressurge o ímpeto com sua força, elevando-se dramaticamente por cima da realidade e conduzindo-nos à realização de nova obra que, uma vez finalizada, novamente integra-se ao devir circundante. Este ciclo ininterrupto aporta-nos uma vivência espiritual.

Em suma, "buscamos lograr por nosso ímpeto o que nos é dado no contato vital com a realidade, a saber, o acordo perfeito entre nós mesmos e o devir" (Minkowski, 1973, p. 75). E a isso estamos condenados, *dramática e grandiosamente*, pois não nos pode satisfazer completamente o contato vital com a realidade. Antes, serve de suporte ao ímpeto, "mas não pode ser criado por ele" (Minkowski, 1973, p. 75).

### 6.5. Capítulo IV: **O futuro** (Fenômenos baseados no "mais longe" e o "horizonte". O princípio de "encaixamento")

#### 6.5.1. Generalidades

Segundo Minkowski, nossa noção ordinária do tempo nos leva, ao pensar no futuro, a tratar de prevê-lo a todo instante. Em termos do tempo vivido, contudo, tal postura engendra uma concepção de futuro que é mera "projeção de nossos conhecimentos, extraídos do passado, num futuro representado como prolongamento em linha reta do passado" (Minkowski, 1973, p. 76).

A previsão, atrelada ao campo do nosso saber, não alcança o modo primitivo como experienciamos o futuro, nem mesmo o passado; ademais, uma mente que tudo previsse ou uma memória que tudo recordasse parece-nos uma ideia aterradora.

Então, pergunta-se o autor: “como vivemos o futuro, independente e com anterioridade a todo saber?” (Minkowski, 1973, p. 76).

Detendo-se nesta questão, passa a descrever e agrupar os fenômenos temporais que contêm o futuro em si, descrevendo seis deles e organizado-os em três escalões graduais: (1) atividade/espera, (2) desejo/esperança e (3) plegária/ação ética.

O *ímpeto pessoal* faz com que a vida humana esteja fundamentalmente orientada ao futuro<sup>27</sup>. Ele, então, é mais primitivo e essencial do que a memória e o passado<sup>28</sup>. O ímpeto abre o futuro diante de nós, num horizonte infinito, permitindo-nos a *vivência do mistério*, a qual é “tão indispensável para nossa vida espiritual como o ar puro para nossa respiração. Faz do futuro algo como uma reserva de forças eterna e inesgotável, sem a qual não poderíamos viver” (Minkowski, 1973, p. 77). Enquanto isso, o pensamento espacial mostra-se insuficiente para abordar o fenômeno do futuro em sua totalidade, não nos dando mais que uma imagem de linha reta e progressiva, imagem esta que é o fundamento da pretensão da previsão.

O futuro vivido está mais próximo da imagem do *Horizonte*, não no sentido espacial-geométrico do termo, senão do *espaço vivido*. Em relação a este, afirma o autor que o espaço não só “imobiliza o tempo modelando-o a seu modo” (Minkowski, 1973, p. 78), senão que *leva o tempo em si*, animando-o

---

<sup>27</sup> É interessante notar que o capítulo que Minkowski reserva ao futuro é o maior de todos.

<sup>28</sup> Neste ponto, pensamos como esta concepção de tempo difere da psicanalítica, no sentido do grau de importância dada por esta ao passado em detrimento de um futuro imprevisível e infinito.



fenomenologicamente (Minkowski, 1973, p. 78). Há, assim, esta “solidariedade na qual o espaço se encontra assimilado ao tempo e não o contrário” (Minkowski, 1973, p. 87), denominada *Solidariedade espaço-temporal*.

A imagem do futuro como horizonte, deste ponto de vista, contém perspectiva e extensão. É um ponto fugidio, embora imóvel, permanecendo sempre inacessível, em direção ao qual “avancamos sem poder jamais alcançá-lo” (Minkowski, 1973, p. 78).

O futuro é mais estável que o presente, sempre fugaz, e que o passado, do qual nos afastamos progressivamente; “o futuro não se move, pelo menos por inteiro. Por paradoxal que isto possa parecer, o devir não parece influir sobre o futuro”. Primitivamente, trata-se de um futuro “inesgotável” (Minkowski, 1973, p. 79), que nem mesmo alcançam as poderosas ondas do devir.

Todavia, embora avance infinitamente, o futuro “deixa fora de si uma margem vazia e estável, cuja visibilidade segue sendo, apesar de sua distância, perfeita” (Minkowski, 1973, p. 79). Daí a imagem do horizonte.

Dado seu caráter temporal, o futuro refere-se mais às noções de *imediato*, *mediato* e *horizontal* do que às de *mais perto* ou *mais longe*, demasiado quantitativas.

#### 6.5.2. A atividade e a espera

A **atividade**, diz Minkowski, é a “manifestação global do ser vivente” (Minkowski, 1973, p. 79). Por ser um fenômeno temporal, não pode, em essência, ser decomposta em várias ações diferentes; é, antes, “o fundo comum de todas as ações”, o “quadro geral e indispensável no qual acumularei experiências” (Minkowski, 1973, p. 79). Refere-se ao devir, e não ao ser.

Trata-se de um fenômeno vital: “tudo o que vive é ativo e tudo o que é ativo vive” (Minkowski, 1973, p. 79). É “pela sua atividade que o ser vivente avança, tende ao futuro, cria-o diante de si” (Minkowski, 1973, p. 79). Embora seja possível experienciar o futuro de inúmeros modos – tal como, por exemplo, através da previsão –, a atividade é “o único meio de avançar realmente na vida” (Minkowski, 1973, p. 80).

A atividade contém o fator de duração vivida, no caso, chamado por Minkowski de *duração ativa*, duração orientada ao futuro. Como não se permite, ao nível da experiência, fixar-se ou deter-se, apresenta-nos a noção de futuro *imediato*.

Serve de “fundo natural” (Minkowski, 1973, p. 80) aos fenômenos da afirmação do eu e a da obra pessoal: embora a criação não esteja ligada de maneira imediata à atividade (senão ao ímpeto vital), tão somente com a atividade chega-se a criar alguma coisa.

Também está relacionada com a vivência de *expansão*. Expansão num sentido diferente e para além de um “ser maior”, de um aumento de volume, senão que referente ao “devir maior”, de forma que os sujeitos expandem-se, na atividade, “apesar de seguir sendo no fundo os mesmos” (Minkowski, 1973, p. 80).

Quanto aos seus limites, a atividade mesma delimita sua própria esfera<sup>29</sup>, aportando-nos uma experiência cômoda e gozosa ao nos entregarmos a ela, denominada nos termos de uma “alegria elementar de viver” (Minkowski, 1973, p. 83). “Não sofro por não poder alcançar o sol e trazê-lo à terra; minha

---

<sup>29</sup> Em relação à crítica ao movimento moderno de tentar fazer as coisas o mais rapidamente possível, o seguinte trecho é ilustrativo: “E se, graças ao progresso da técnica, chegamos a nos deslocar com uma velocidade surpreendente de um lugar ao outro, a esfera da minha atividade, no sentido primitivo da palavra, não é menos limitada que antes. Se me faço transportar de trem, de avião ou em um carro que eu mesmo dirija, integro minha pessoa em um sistema mecânico que se desloca com maior ou menor velocidade no espaço; isso pode aumentar meu sentimento de poder, mas a esfera de minha atividade imediata de nenhum modo fica modificada” (p. 81).

atividade se desdobra em sua esfera e isso lhe basta” (Minkowski, 1973, p. 81). A atividade contém um fator de limitação dinâmica e qualitativa, determinada por si própria, pois, através dela, o ser vivo separa-se de algo qualitativamente diferente dele por inteiro, do “meio inerte e não individual no qual se expande” (Minkowski, 1973, p. 81).

Do fator de limitação da atividade decorre a própria limitação do Eu, não no sentido de debilidade ou fraqueza, mas remontando ao fator supraindividual do ímpeto pessoal: “os limites de minhas forças são algo muito distinto que a limitação de minha atividade” (Minkowski, 1973, p. 82). A atividade é anterior e não encerra qualquer sentimento de triunfo ou impotência que possam vir a nos visitar a partir dos desdobramentos de nossas ações no mundo: “meu sentimento não me limita como o faz minha atividade” (Minkowski, 1973, p. 82). Ela é mais originária e transcende nossos fracassos e vitórias na vida, pois se refere às “bases mesmas de nossa experiência, relativas ao que somos capazes de fazer e realizar” (Minkowski, 1973, p. 82).

Ela se nos manifesta mais claramente quando, em alguns momentos da vida, simplesmente “nos deixamos viver” (Minkowski, 1973, p. 82), revelando-se como uma espécie de atividade basal, e aportando-nos a alegria elementar de viver. Na guerra, reflete Minkowski, esta vivência era a “prova segura de que ainda se estava vivo” (Minkowski, 1973, p. 82). A ela corresponde a sensação da realização/finalização de uma obra pessoal.

A atividade não se opõe, como um exame pouco atento poderia sugerir, à passividade, mas sim à **espera**, outro fenômeno de natureza temporal. Se “na atividade tendemos ao futuro; na espera, pelo contrário, vivemos o tempo em um sentido inverso, por assim dizer; vemos vir a nós o futuro e esperamos que este futuro (previsto) se faça presente” (Minkowski, 1973, p. 83).

Não se trata, primitivamente, de uma espera prolongada, “impregnada de elementos mensuráveis” (Minkowski, 1973, p. 83), como a espera angustiante de um trem do meio dia, que se encontra atrasado em mais de 40

minutos, ou mesmo da contagem eufórica de quantas horas ainda faltam para a festa de hoje à noite. Embora possa desdobrar-se nestas vivências mais específicas e quantificáveis (princípio do desdobramento), fenomenologicamente a espera é um fenômeno complexo, que Minkowski visa, mais uma vez em harmonia com o método fenomenológico, descrever ao invés de decompor.

A espera primitiva está ligada a “intensa angústia” (Minkowski, 1973, p. 83). É sempre uma “espera ansiosa” (Minkowski, 1973, p. 84), ainda que possa desdobrar-se em esperas elementares mais ou menos agradáveis. Ela

engloba todo o ser vivo, suspende sua atividade e o congela, angustiado, na espera. Contém em si um fator de brutal detenção e faz ansioso o indivíduo. Diria-se que todo o devir, concentrado fora do indivíduo, cai, como uma massa potente e hostil, sobre ele, tratando de o aniquilar; é como um iceberg que bruscamente surgisse ante a proa de um navio que num instante se chocará fatalmente contra ele. (Minkowski, 1973, p. 83)

Aproxima-se da dor física, que não tem, no plano da sensopercepção, equivalente positivo que não a alegria elementar de viver. “As sensações agradáveis... opõem-se às desagradáveis, mas não propriamente à dor”, a qual “nos anuncia um golpe dirigido, com contato imediato, contra nossas forças vivas por uma força estranha que vem de fora e nos ameaça em nossa existência mesma” (Minkowski, 1973, p. 84). Dolorosas são as ações imediatas do ambiente sobre nós, sendo que “toda espera se converte facilmente... em um acontecimento doloroso” (Minkowski, 1973, p. 84). Mas a espera não pode ser situada no mesmo plano da dor, pois é um fenômeno de natureza temporal, como a atividade.

Não contém um fator de duração<sup>30</sup>, mas de *instantaneidade*. Está mais próxima da sucessão, embora o que esteja em jogo seja o fator B da sucessão<sup>31</sup>, pois o presente é aniquilado pela expectativa ansiógena do que está por vir, isto é, há na espera um fator de "encolhimento" (Minkowski, 1973, p. 85). Uma vez que, nela, vive-se apenas o futuro imediato, diferencia-se da própria sucessão, pois comporta o predomínio de B sobre A, deformando a harmonia do "ser dois" (Minkowski, 1973, p. 85).

Na geometria, observa Minkowski, se A leva a B, o caminho contrário é possível sem qualquer afetação. Contudo, fenomenologicamente, "se, na direção centrífuga, o ser vivo separa-se do meio por sua atividade, na direção centrípeta, traça seus limites pela espera" (Minkowski, 1973, p. 86). Atividade e espera, assim, delimitam "a atitude geral do indivíduo no mundo", capaz de desdobrar-se em sua atividade vital (*expansão*), como também na capacidade de "suportar os golpes que vêm de fora" (*encolhimento*) (Minkowski, 1973, p. 86-87).

O essencial do escalão atividade/espera, em suma, é que através dele se nos manifesta a noção de futuro *imediato*, "juntamente em relação com o tempo e o espaço, convertendo estes em solidários um do outro" (Minkowski, 1973, p. 87).

### 6.5.3. O desejo e a esperança

O escalão desejo/esperança constitui-se de fenômenos que rompem com o futuro imediato, sobrepassando a atividade e a espera. Alargam nossa

---

<sup>30</sup> As esperas prolongadas (desdobradas) estão, assim, mais próximas da atividade do que a espera primitiva, porque contêm duração e, assim, convertem-se em atividade.

<sup>31</sup> Isto é, aquele fenômeno que se manifestará posteriormente ao que no presente se está experienciando (fator A).

perspectiva de futuro, para além da previsão e do imediatismo do porvir: trata-se de “fenômenos que nos permitem dizer que sempre há algo que desejar e esperar na vida” (Minkowski, 1973, p. 88).

Constituem-se como um “telão de fundo”, feito de “fios sutis e inacessíveis, sobre o qual se desdobra toda nossa vida psíquica” (Minkowski, 1973, p. 87), incluindo “esperanças e desejos particulares” (Minkowski, 1973, p. 88), referentes a objetos específicos do mundo.

Possuem um valor positivo, uma vez que “estamos em condição de aspirar a mais do que temos e encarar o futuro cheios de esperança. É bom viver porque é doce desejar e ter esperança” (Minkowski, 1973, p. 89).

Sob esta ótica, o otimismo e o pessimismo resumem-se a manifestações secundárias as quais, pela forma como habitualmente são opostas, parecem depender mais do mero empirismo do que da *contemplação dos fenômenos vitais em suas relações essenciais*: “o pessimismo e o otimismo exigem sempre um desenvolvimento com provas que o apóiem, enquanto que a questão de saber se pode-se desejar e esperar na vida nem sequer se coloca” (Minkowski, 1973, p. 89).

Em outras palavras, a esperança “abre amplamente diante de nós o futuro” (Minkowski, 1973, p. 89), o qual podemos preencher com imagens pessimistas ou otimistas. Ou com nenhuma delas<sup>32</sup>. Bergson, nesta perspectiva, concebe a tristeza como decorrência de uma configuração da experiência “como se o futuro estivesse de algum modo fechado para nós” (Minkowski, 1973, p. 90).

Como na atividade, no **desejo** me lanço em direção ao futuro, vivendo o tempo na mesma direção, mas olhando “mais longe”<sup>33</sup> (Minkowski, 1973, p.

---

<sup>32</sup> Cf. Safra, 2013.

<sup>33</sup> “Mais longe” no sentido originário, que nos é dado pelo desejo mesmo, e desdobra-se em relações geométricas que, por esta própria natureza ontológica, nos parecem demasiado

93), focalizando um futuro mais distante. Embora a morte interrompa-nos tanto a atividade como o desejo, enquanto vivemos podemos olhar mais longe com o desejo do que a atividade nos permite.

O desejo, então, transpassa a esfera da atividade: “enquanto estiver vivo, desejarei mais do que tenho e aí está o sentido mesmo da vida” (Minkowski, 1973, p. 91). Vai mais além do que está ao nosso imediato alcance, fazendo com que a atividade siga, em direção a ele, “mais séria, mais grave” (Minkowski, 1973, p. 91), ao mesmo tempo em que contém em si esta atividade. O desejo é, segundo Minkowski, a “representação vivida da atividade” (Minkowski, 1973, p. 93), sendo justamente a relação entre desejo e atividade que torna plausível a existência de *representações mentais*.

O desejo permanece “mais ligado ao eu do que a atividade”; é mais “fixo” e “duradouro” (Minkowski, 1973, p. 93) que esta, a qual vai de um objeto ao outro sem deter-se em nenhum deles. Não comporta o fenômeno da duração, como o faz a atividade, mas o da sucessão vivida. Ademais, manifesta-se a nós de forma mais episódica e menos contínua que a atividade: “a vida é possível sem desejo, mas não sem atividade” (Minkowski, 1973, p. 94).

Já na **esperança**, assim como na espera, o futuro vem em nossa direção, mas não o futuro imediato, fonte inesgotável de angústias, senão “um futuro mais afastado, mais amplo, cheio de promessas. A riqueza do futuro se abre agora diante dos meus olhos” (Minkowski, 1973, p. 95).

A esperança vai, então, mais longe no futuro que a espera. Afasta-nos do contato imediato com o devir, dos golpes vitais que recebemos de fora, permitindo-nos “olhar livremente ao longe no espaço vivido que agora se abre diante de mim<sup>34</sup>” (Minkowski, 1973, p. 95).

---

naturais. “Mais longe” é utilizado pelo autor tanto no sentido do futuro quanto do ir adentro e ir afora.

<sup>34</sup> Uma paciente suicida muito descrente de que, um dia, poderia vir a sentir que a vida vale a pena de ser vivida, encontrou na pessoa do acompanhante terapêutico uma relação humanizadora. Aos poucos, quanto mais se fortalecia o vínculo interpessoal, sua extrema

Em relação ao desejo, comporta uma diferença fundamental: “o desejo contém em si a atividade, enquanto que a esperança nos libera da espera ansiosa<sup>35</sup>. Isto faz que o desejo pareça mais apegado à terra que a esperança, a qual tem em si já algo de sublime” (Minkowski, 1973, p. 96).

Desdobrando-se nos fenômenos intelectuais, reflete Minkowski, desejo e esperança têm uma “afinidade natural com a interrogação” (Minkowski, 1973, p. 97), uma interrogação que tem extensão, ou seja, estende-se até o momento em que para ela seja dada uma resposta. Isso faz com que adotemos uma postura interrogativa quando passamos do escalão originário desejo/esperança a uma atitude mental (princípio do desdobramento), desdobrando-nos questões cheias de sentido em si: “se realizará o que desejo e espero”? (Minkowski, 1973, p. 97), talvez seja uma das mais elementares perguntas da vida<sup>36</sup>.

#### 6.5.4. A plegária

A plegária consiste em mais do que em orações cotidianas afins a determinadas divindades e crenças, mas numa “atitude muito bem determinada, de uma elevação e solenidade muito especiais, que com toda naturalidade adotamos em algumas circunstâncias da vida” (Minkowski, 1973,

---

ansiedade (entendida como um extremo encolhimento e enclausuramento na espera) ia diminuindo, paralelamente ao aumento do sentimento de esperança. Acreditamos que tal resultado foi alcançado pela disponibilidade e incessante busca do profissional em tentar *surpreendê-la*, usando para isso a própria relação interpessoal. Houve uma vez, por exemplo, em que foi buscá-la em seu trabalho, sem aviso prévio. Sabia que era um dia difícil para ela, pois temia ser demitida após muitas faltas consecutivas. Pouco a pouco, com intervenções deste tipo e acompanhando-a devotamente, o aprisionamento da paciente na vivência de encolhimento da espera foi dando lugar à possibilidade de projetar-se mais além no porvir, descortinando-lhe ao contemplar-se a esfera da esperança enquanto fenômeno temporal, o qual romperia com a agonia do futuro vivido exclusivamente como imediato.

<sup>35</sup> Embora não a suprima totalmente.

<sup>36</sup> Como diz a famosa canção composta por João Sérgio: "Como será o amanhã? Responda quem puder. O que irá me acontecer? O meu destino será como Deus quiser".



p. 98). É mais do que "profissão de fé" (Minkowski, 1973, p. 98); antes, nasce da *necessidade de afirmação espiritual de nosso ser*.

Como todo fenômeno vital, a plegária tem sua origem na "afirmação da vida" (Minkowski, 1973, p. 99): ela existe em nós. Assim, a vemos surgir onde a vida mesma parece ameaçada, como em situações de guerra, cataclismas e calamidades públicas. Ela vai, em relação ao futuro, ainda mais longe que a esperança<sup>37</sup>, sendo que "há circunstâncias na vida em que a esperança parece demasiado débil; então oramos" (Minkowski, 1973, p. 99).

Trata-se de um fenômeno excepcional, não sendo necessário para que se desenrole a vida, tal como o é o fenômeno da atividade. Aproxima-se ao princípio de sintonia, colocando-nos em contato íntimo com o ambiente, mas sem que tenhamos de lançar mão de muito esforço através de nossa atividade pessoal. "A plegária, como tampouco a sintonia, não podia completar nossa vida" (Minkowski, 1973, p. 101): apesar de ter o seu valor – qual seja, revelar-nos nosso "vazio" (Minkowski, 1973, p. 101) ontológico, impassível de racionalização –, não pode substituir a atividade e a vida mesma.

A plegária é carregada de pureza e *sinceridade*, não se reduzindo a "gestos automáticos despojados de autêntica espontaneidade" (Minkowski, 1973, p. 98). Diz Minkowski que "na plegária nos *elevamos* acima de nós mesmos, assim como do que nos rodeia", "dirigimos nosso olhar ao longe, a um horizonte infinito, a uma esfera mais além do espaço e do tempo"<sup>38</sup> (Minkowski, 1973, p. 100). A partir daí, apresenta-se à nossa consciência a

---

<sup>37</sup> A plegária está mais próxima à espera e à esperança do que à atividade e ao desejo. É "o escalão superior [supremo] da série constituída pela esperança e pela espera" (Minkowski, 1973, p. 104). A seriedade do desejo e da esperança dá lugar à "gravidade e solenidade da plegária" (Ibid.).

<sup>38</sup> "Na plegária vamos ainda mais longe, muitíssimo mais longe; vamos tão longe que não se poderia ir mais além; vamos 'até o fim' e deste modo alcançamos, não já o imediato, senão o absoluto; a perspectiva resulta convertida em horizonte", horizonte este tão longe que parece encontrar-se "fora do tempo e do espaço" (Minkowski, 1973, p. 100).

experiência do *mistério*, que pode ou não ser representado, secundariamente, na figura de uma divindade superior.

Ademais, ao ir "até o fim", "diria-se que estou fora do tempo" (Minkowski, 1973, p. 104), o que nos permite sermos também visitados pela experiência do *eterno*, não no sentido da duração ou de uma linha reta sem fim ou começo, mas em seu valor positivo. "A eternidade é a única forma com a qual se traduz a possibilidade de superar o devir e, porque o supera, é de natureza temporal" (Minkowski, 1973, p. 104) Vemos, enfim, que a plegária contém o infinito, "não porque se prolongue sem fim, senão porque abraça tudo o que por sua mesma natureza parece ser finito" (Minkowski, 1973, p. 104).

Ela coloca um **problema** existencial diante de nós, sendo o *problema* fruto do desdobramento intelectual deste fenômeno vital, assim como a pergunta é o do desejo e da esperança:

Certamente, do ponto de vista da lógica formal, as interrogativas "qual o sentido da vida?" ou "de que cor é esta folha?" não diferem entre si. A lógica nos diz que, em ambos os casos, trata-se de perguntas que exigem uma resposta, a menos que cheguemos a demonstrar que carecem de sentido. Na realidade, contudo, trata-se de coisas completamente diferentes. Há perguntas que se colocam desde o princípio como problemas. Pedem uma solução e não uma resposta. Inclusive há, talvez, problemas que exigem que sejam vividos enquanto tais, sem que sua solução consista em uma fórmula precisa. (Minkowski, 1973, p.105)

Opor crentes e ateus não dá conta da essência deste fenômeno, pois tal racionalização antitética não passa de uma constructo mental do pensamento discursivo. Isto porque, como todo fenômeno temporal, a plegária não pode ser decomposta. Está orientada ao futuro – as referências a Deus e à ideia de perdão se dão, sobretudo, em relação ao que está por vir – e distingue-se, por esta mesma natureza temporal, de outros estados religiosos e místicos, como a oração ordinária, a meditação e o êxtase.

A plegária implica uma “interiorização total vivida” (Minkowski, 1973,, p. 100), permitindo apartarmo-nos do devir, penetrarmos a nós mesmos e abrigarmo-nos em nosso próprio ser. Eleva-se “desde o mais profundo do meu ser” (Minkowski, 1973, p. 100) e, com isso, atingimos o fundo do eu mais do que no fenômeno do sonho, por exemplo. Ainda assim, “esta interiorização não me deixa frente-a-frente comigo mesmo”, mas, “surgindo do fundo do meu ser, vai mais além do universo”, ou seja, também é uma “extrospecção total vivida” (Minkowski, 1973, p. 101). Minkowski ressalta que esta interiorização, este ir adentro, não deve ser entendido no sentido espacial geométrico, pois “há um abismo entre a estabilidade da eternidade e a imobilidade do espaço inteligível” (Minkowski, 1973, p. 104).

Ao ir até o fim a plegária revela a *sinceridade* em seu sentido ideal. Não podemos não ser sinceros na plegária, ao contrário de em outras situações, as quais denunciam que “todo motivo particular está a princípio machado por um certo grau de insinceridade. Nosso olhar advinha sempre, detrás, o fundo de nossa alma em sua sinceridade absoluta” (Minkowski, 1973, p. 101).

Através da plegária, olhamos *mais além* do mundo, um mundo entre Eu e Deus, sendo esta distância, simultaneamente, impossibilidade e possibilitadora de comunicação com Ele. Este “mais além” (Minkowski, 1973, p. 102) não é propriamente uma abstração, senão uma vivência imediata: não descansa sobre nenhuma idéia, como a do infinito, ou a de todo, ou de qualquer idéia em geral; antes, permite-nos sermos visitados por tais idéias. Assim, Minkowski atribui à plegária o caráter de uma “abstração vivida real”, pois ela “proporciona o sentido primário de abstração” (Minkowski, 1973, p. 102).

#### 6.5.5. A busca da ação ética

A ação ética, diz Minkowski, é o principal pilar do edifício que constrói ao longo deste capítulo, no sentido dos três escalões de fenômenos vitais relativos ao futuro. Trata-se de uma “coluna principal sobre a qual descansa a

vida" (Minkowski, 1973, p. 106), referindo-se não mais a um futuro imediato (atividade/espera) ou mediato (desejo/esperança); nosso "ímpeto em direção ao bem", agora, abre diante de nós um futuro "o mais amplamente possível" (Minkowski, 1973, p. 106), tornando-o *infinito* e revelando-nos "a grandeza da alma" (Minkowski, 1973, p. 107).

A ação ética suscita diversos outros fenômenos, como a responsabilidade, a sanção, o dever e a liberdade. Ela está para além da expressão de uma determinada singularidade, isto é, da concepção da existência de certos indivíduos portadores de dons especiais, espirituais, como aqueles que se identificam, por exemplo, como *médiuns* ou pastores evangélicos. Antes, é a realização "do que há de 'humano' em [todos] nós", do virtualmente comunitário, "do que anima toda nossa vida" (Minkowski, 1973, p. 107).

É, portanto, um fenômeno mais impessoal do que pessoal, mesmo porque escapa da voluntariedade de nosso comportamento. A ação ética "somente na forma de um relâmpago vem a realizar-se de um lado para outro por mediação dos seres humanos", relâmpago este raro, "passageiro, fugaz e rápido na vida cotidiana" (Minkowski, 1973, p. 107). Isto é, não há como pararmos e decidirmos: "agora vou realizar uma ação ética"; ela simplesmente se manifesta, sobrepassa a intencionalidade de nossos atos.

O ímpeto ético aporta-nos *confiança na vida e nos outros*, sendo que, em essência, apenas as consequências de acontecimentos ônticos (i.e., biográficos) podem colocar-nos em situação de desconfiança<sup>39</sup>.

Não pode ser reduzido "a particularidades de caráter consideradas como positivas na vida corrente, tal com a honestidade ou a bondade" (Minkowski, 1973, p. 107). Estas são demasiado humanas<sup>40</sup>, estão ao nível do ser e, dada sua

---

<sup>39</sup>Aqui, podemos refletir sobre como o estabelecimento de um vínculo de confiança numa relação interpessoal, embora tenda a ser dado como condição *sine qua non* num processo psicoterápico, torna-se, muitas vezes, o próprio objetivo do trabalho AT com pacientes graves, em cujas histórias de vida, como pontua Safra (2004), encontram-se diversas fraturas éticas.

<sup>40</sup>"Nossas pretendidas qualidades, elevadas no presente, podem em ocasiões obstruir-nos o horizonte tanto como o fazem nossas más inclinações" (Minkowski, 1973, p. 107). Ou seja, fenômenos sociais e a ação ética estão situados em diferentes planos. "As virtudes cívicas,

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

debilidade, carecem da grandeza e do caráter temporal da ação ética, que se encontra relacionada ao devir.

Tratar a questão ética como uma luta entre o bem e o mal é decorrência de um pensamento excessivamente espacial, imbuído de geometria plana. O mal não pode ser tomado como o oposto do bem, ao qual nosso ímpeto se dirige. Assim como o bem e o mal, a ação ética e a obra estão em níveis diferentes<sup>41</sup>.

Se, fenomenologicamente, experienciamos algum conflito entre tendências opostas, a este nível não se trata do bem e do mal racionalmente representados, senão de vivências de "elevação" e "queda" (Minkowski, 1973, p. 108). Ao nível do *Lebenswelt*<sup>42</sup>, sentimo-nos elevar ao tomar determinados caminhos, enquanto caímos ao seguir em outros<sup>43</sup>; ainda assim, dado o caráter temporal e orientado ao futuro da ação ética, ambas as direções formam só uma.

Na ação ética não pesamos, racionalmente, as consequências boas e ruins de nosso agir, como o fazemos em situações nas quais reflexionamos para tomar uma decisão ou escolher algo, pois “quando o fator ético entra em jogo... não há

---

apesar de seu alcance, não se confundem com a busca profunda e individual da ação ética” (Minkowski, 1973, p. 114).

<sup>41</sup> Para clarear este ponto, Minkowski remete-se ao código penal de uma sociedade. Através dele, mostra-se que é possível codificar as infrações à lei e qualificá-las como o "mal", mas o bem permanece intocável. O mal existe a partir do momento em que se efetua; já o bem tem valor espiritual, “conta a partir do momento em que encontramos em nós mesmos a força suficiente para seguir o caminho que consideramos bom” (Minkowski, 1973, p. 109).

<sup>42</sup> *Lebenswelt* significa, tal como concebido por Husserl na última fase de sua produção filosófica, o *mundo vivido*, "pré-reflexivo, antes de ser pensado, o que já está lá, para alguém de qualquer pensamento dualista" (Moreira, 2012, p.19).

<sup>43</sup> "... ou sucumbo e me deixo arrastar e cair, ou sinto brotar do fundo do meu ser uma força que me sobrepassa em muito" (Minkowski, 1973, p. 109).

eleição, porque, no fundo, a eleição está feita” (Minkowski, 1973, p. 109). *É uma força que nos sobrepassa* e que não prevê conseqüências, apenas implica uma, a de “abrir diante de nós o futuro” até o infinito (Minkowski, 1973, p. 109).

O mal – no sentido daquilo que é, *a posteriori*, julgado como mal por nós ou pelos outros – está mais próximo à obra pessoal, pois é mais "material" e "palpável" (Minkowski, 1973, p. 109), integrando-se na realidade e deixando rastros. Já o bem é sempre inacessível. Por isso, “não existem obras éticas, não há mais que obras pessoais, obras sociais ou obras de beneficência” (Minkowski, 1973, p. 109), sendo que estas últimas possuem origens que não a busca da ação ética<sup>44</sup>, uma vez que ela “se desmorona quando é tocada” (Minkowski, 1973, p. 109). A única espécie de recompensa que encerra é “a consciência de haver podido tocar o sublime na vida” (Minkowski, 1973, p. 109).

“A ação ética persiste e é a única ‘ação’ que resiste ao devir, o qual, com suas cinzas ondas, ameaça submergir tudo ao seu passo” (Minkowski, 1973, p. 110). Neste sentido, “não podemos admitir algo mais elevado que a noção de ideal que levamos em nós” (Minkowski, 1973, p. 110). Isso justificaria os sacrifícios por um ideal.

Acompanha a ação ética uma sensação de alegria, que não tem a ver propriamente com prazer, mas com a visão da grandeza da vida à qual nos fundimos através da ação ética. Está próxima a um sentimento de liberdade, não no sentido do determinismo causal, nem do livre arbítrio, senão mais próximo à *Libertação*, isto é, à liberdade que “emana da ação mesma” (Minkowski, 1973, p. 112).

Sobre o fenômeno da liberdade, então, tem-se que a racionalização antitética determinismo *versus* livre-arbítrio não dá conta de sua essência; antes, “fora dos adeptos do determinismo e do livre arbítrio, ficam os homens que vivem, buscam, aspiram, otram, sentem-se livres. A eles não lhes ocorrerá de

---

<sup>44</sup> “Fazer o bem por costume é uma fórmula inadmissível; constitui uma contradição, quando se trata do ‘ser humano’ e da ‘humanidade’” (Minkowski, 1973, p. 113).

fazer desta liberdade uma profissão de fé”, mas “tão somente lhes parecerá que a vida sem ela é inconcebível” (Minkowski, 1973, p. 112).

Assim como otimismo *versus* pessimismo em relação à esperança, crentes *versus* ateus no que respeita à plegária, e determinismo *versus* livre-arbítrio referente à liberdade, a oposição antitética egoísmo *versus* altruísmo é fruto do trabalho intelectual, *posterior* à vivência originária da ação ética tal como se apresenta à nossa consciência, revelando-se a natureza temporal deste fenômeno. Afinal,

o futuro é o ideal, é a busca da ação ética, é a realização excepcional do mais elevado que há em nós; como tal se basta a si mesmo e prescinde de todo ponto de apoio; tem suficiente força para isso, e, se não a tem, terá um dia e isto também forma parte do ideal. (Minkowski, 1973, p. 114)

#### 6.5.6. O princípio de encaixamento

(Os fenômenos ‘*existo*’, ‘*tenho*’ e ‘*pertenço a ...*’)

Minkowski denomina de *encaixamento* o resultado da tentativa de dar uma representação mental (princípio do desdobramento) à irradiação recíproca que estes três escalões de fenômenos orientados ao futuro, descritos anteriormente, estabelecem uns sobre os outros.

Ele admite que a concepção “encaixamento” sugere uma imagem espacial corriqueira: objetos metidos um no outro. Contudo, lembra que os atributos espaciais, no sentido geométrico, decorrem dos desdobramentos de fenômenos originários. Assim, “magnitude” e “profundidade”, por exemplo, podem ser tomados em outras dimensões que não a espacial, tal qual a “magnitude da ação” ou a “profundidade do sentimento” (Minkowski, 1973, p. 116), sem aludir a metáforas ou a propriedades quantitativas de nossas ações e sentimentos.

O próprio espaço inteligível, onde tudo é "relativo e reversível" (Minkowski, 1973, p. 116), advém do fenômeno originário da *espacialidade*. Isto implica que o ser se estende, se desdobra na espacialidade, ainda que não mude de lugar no espaço geométrico. Em outras palavras, há espacialidade sem que haja, necessariamente, espaço.

Por exemplo, o *mais longe* e o *até o fim* dos fenômenos orientados ao futuro dos capítulos precedentes não são meras metáforas espaciais, mas sim "caracteres essenciais destes fenômenos" (Minkowski, 1973, p. 116). Assim também se deve entender o encaixamento.

Os três escalões de fenômenos essenciais orientados ao futuro deixam em seu caminho fenômenos particulares, secundários, como o "existo", "tenho" e "pertencço a...". Eles constituem-se como "depósitos pseudoestáticos" (Minkowski, 1973, p. 117), respectivamente, dos fenômenos originários da atividade, desejo e busca da ação ética. Possuem uma faceta estática, no sentido de estabelecerem-se num tempo de detenção e promoverem-nos identidade, e também dinâmica, referente ao fato de que logo naufragam no fluxo do devir após manifestarem-se à nossa consciência. Minkowski passa a descrever cada um deles em seguida.

O **eu existo** é o fenômeno residual da *detenção* esporádica da marcha da atividade, possibilitando-nos, sobre alguma base de apoio, poder afirmar nossa existência. Em relação ao tempo e ao espaço vividos, "se traduz pela afirmação do 'eu-aqui-agora'", estabelecendo, tanto em um como no outro, "uma união íntima do tempo e do espaço" (Minkowski, 1973, p. 118).

O **existo** atrela-se à totalidade de nosso ser: não é apenas nosso pensamento que pode afirmar o "eu existo", mas todo o nosso Eu, suspendendo "momentaneamente sua atividade", tensionando sua musculatura para "recomeçar de novo" (Minkowski, 1973, p. 119). Assim, o **existo** situa-se "entre a expansão da atividade e o encolhimento da espera" (Minkowski, 1973, p. 119).

Já o **tenho** é mais amplo que o **existo**. Não significa o **tenho** no sentido da vida ordinária, da propriedade privada; comporta, antes, uma extensão vivida.



Ele é, para o desejo, o que o existo é para a atividade, isto é, o depósito pseudoestático do desejo, “o que o desejo deposita em seu caminho”, revelando que “a realização do desejo sempre se traduz numa aquisição” (Minkowski, 1973, p. 120).

Também assinala-nos um tempo de detenção na vida, com um pouco mais de duração em relação ao existo. Contudo, não poderia prolongar-se muito mais, pois “a vida está feita sobretudo, de desejos e não de comprovações desta espécie. O ter não tem sentido mais que na medida em que serve de apoio à nossa faculdade de desejar” (Minkowski, 1973, p. 120).

Ou seja, as aquisições devem servir para o “desenvolvimento da personalidade”, e não para um simples acúmulo de bens “materiais” ou “espirituais” (Minkowski, 1973, p. 120). “O desejo vai mais além do ter” (Minkowski, 1973, p. 120) e, se seu ímpeto perde força, confunde-se com o ter e é por ele submergido, originando a avareza.

O **pertenço a...** decorre do ímpeto ético. Refere-se à vivência de “formo parte de uma coletividade” (Minkowski, 1973, p. 120). Não tem a ver com o rol da vida social, ainda que seja sua “base comum” (Minkowski, 1973, p. 121) e justifique-lhe a existência.

Assim como o existo e o tenho, é um fenômeno de caráter pseudoestático. Estabelece-se, contudo, ainda mais próximo ao ímpeto ético do que o tenho ao desejo ou o existo à atividade.

Permite-nos a noção de “meus semelhantes” (Minkowski, 1973, p. 121), pois o ímpeto ético coloca-nos frente à Humanidade. Implica uma fusão íntima com esses semelhantes: pelo pertença a..., “o eu prolonga sua expansão por cima da esfera do ter” (Minkowski, 1973, p. 121). Ao contrário do existo e, menos diretamente, do tenho, “de nenhum modo centra o universo em torno do eu” (Minkowski, 1973, p.122), numa postura egocêntrica, senão opera o contrário.

Minkowski conclui este importante – e mais longo – capítulo afirmando acerca do futuro fenomenológico:

A vida, vasta e ampla, se estende agora diante de nosso olhar. Vastos e amplos são também os problemas que nos coloca. Mas vasto e amplo igualmente é nosso ímpeto a eles dirigido. E com eles sentimos que nos engrandecemos. (Minkowski, 1973, p. 122)

#### 6.6. Capítulo V: **A Morte** (*'Uma vida' e o dualismo no curso de uma vida*)

"Uma sombra se projeta sobre o devir. A morte, como uma ave 'de presa', plana por cima da marcha triunfal da vida. Angustiadados a vemos vir. Crianças somos. Poderíamos acaso viver sem morrer?" (Minkowski, 1973, p. 123).

Minkowski abre este capítulo criticando a ideia da *vida após a morte* ("viver sem morrer"). Tal concepção não corresponde ao essencial quando se contempla, fenomenologicamente, a Morte, através, por exemplo, do falecimento de um ente querido ou não; pois a morte é, em essência, *imobilidade total* e não, como pressupõe a noção ordinária de vida após a morte, a mera soma espacial ou justaposição simétrica daquilo que ela própria arranca da vida.

Se existem caminhos que levam ao reino da imortalidade, não se conhecem mais do que dois: aquele simbolizado pela "instituição dos Quarenta<sup>45</sup>" e o delírio melancólico, em que a "consagração da glória e a melancolia mórbida" (Minkowski, 1973, p. 123) são incompatíveis com a alegria elementar de viver e com a expansão da atividade vital. Ainda assim, talvez seja possível deixar de viver, como ocorre neste quadro mórbido, mas jamais deixar de morrer.

---

<sup>45</sup> Os quarenta membros da Academia Francesa.

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

A morte aparece como “morte da vida mesma” (Minkowski, 1973, p. 123), conferindo-lhe toda sua dignidade. Sem ela, tudo na vida “resultaria apagado, cinza, indiferente, vulgar; e nem a mesma vida mereceria ser vivida” (Minkowski, 1973, p. 124). Trata-se, mais uma vez, de um fenômeno temporal: “a morte, enquanto destruição, engendra um devir e não um ser” (Minkowski, 1973, p. 124).

Minkowski destaca a importância do fator ambiental no que toca ao desejo lúcido de algumas pessoas em querer morrer, o que pode levá-las ao suicídio. Ele observa que

a vida não está feita unicamente de sofrimentos; é preciso que a sorte se encaminhe muito particularmente com alguém para que a vida se faça de verdade intolerável. O desejo de morte, em consequência, não pode esgotar o papel positivo que representa a morte na vida. (Minkowski, 1973, p. 124)

Independentemente de como reagimos diferentemente uns dos outros frente ao falecimento de uma pessoa, o essencial deste fenômeno parece repousar em que “a morte faz surgir a noção de *uma vida*, e o faz ao por fim a esta vida” (Minkowski, 1973, p. 124). Isto é, ela delimita a existência singular do indivíduo no momento em que se dá, interrompendo “toda uma vida” (Minkowski, 1973, p. 125).

Tudo o que na vida alguém realiza, seus feitos, afetos, até mesmo a reconstrução “da trama de uma vida” – por exemplo, através de uma obra biográfica –, não nos coloca frente à noção primitiva de “uma vida” como o faz a morte (Minkowski, 1973, p. 125). Ela reúne tudo o que interrompe quando se manifesta, deixando atrás de si um “rastro luminoso”, “os contornos de uma vida” (Minkowski, 1973, p. 126). Metaforicamente, é uma vida que se separa da Vida, como uma folha seca se desprende da árvore. A morte põe fim às vidas,

mas não à Vida, entendida como fluxo temporal do devir. Isto é, embora os seres padeçam, esta continua sua marcha. Em outras palavras, “a vida não se acaba, unicamente o *ser* vivo morre” (Minkowski, 1973, p. 126).

Sobre o papel dos homens em relação a tal fenômeno, Minkowski observa que a força humana é impotente em fazer “brotar as vidas” (Minkowski, 1973, p. 125), comparado ao quanto é capaz de destruí-las. Embora se possa objetar, contudo, que hoje as modernas técnicas de inseminação artificial “criam” muitas vidas, basta abrir a primeira folha de qualquer jornal e comparar quantas mortes de seres humanos são acarretadas por seus semelhantes em comparação ao número de “vidas” concebidas, sejam *in vitro* ou mesmo *in utero*.

“A morte é um fenômeno vital, enquanto que o nascimento não o é: não é mais que um fato biológico” (Minkowski, 1973, p. 126). Isto é, “não ao nascer, senão ao morrer, se devém uma unidade, um homem” (Minkowski, 1973, p. 126). A dimensão da vida individual, nesta perspectiva, revela-se somente no momento da morte. A morte é um fenômeno individual, pois permite a própria noção de individualidade.

Ela carrega algo de irreparável: “uma vida não se pode substituir”, pois tem “sua evolução própria”, o que, contudo, “não significa que seja indispensável aqui embaixo” (Minkowski, 1973, p. 125). Isto aproxima-a à obra pessoal, no sentido de que, embora integre o devir e enriqueça-o, este continuaria rico mesmo se desta forma as coisas não houvessem sucedido. Ainda assim, “uma vida... se *acaba* não pelas suas obras, que jamais terminam, senão pela morte” (Minkowski, 1973, p. 126).

Há um *fator de humildade* na morte: todos somos mortais e, por isso, semelhantes em essência; isto é, existe uma mortalidade mais originária que a morte dos seres<sup>46</sup>. A morte e a simpatia, desta forma, estabelecem a identidade entre os homens.

---

<sup>46</sup> "Em presença da Morte, não testemunho minha morte, senão minha mortalidade" (Minkowski, 1973, p. 126).

Ao estabelecer a singularidade de uma vida, a morte, assim como o ímpeto pessoal, associa-se à afirmação do eu, mas de uma forma muito mais nivelada e precisa do que pela expansão promovida pelo fenômeno da atividade. Daí, distinguem-se “dois fatores na marcha de nossa vida ao futuro”, um expansivo, poderoso, “horizonte sem limites” (Minkowski, 1973, p. 128), de onde podemos sacar forças, e o outro “limites sem horizonte” (Minkowski, 1973, p. 128), “melodia melancólica” (Minkowski, 1973, p. 129), ao longo do qual, progressivamente, definhamos. Respectivamente, trata-se do *ímpeto ao futuro* e do *avançar em direção ao fim*. O primeiro representa a *juventude* no sentido fenomenológico, anterior e para além da mera idade cronológica. O segundo, a *velhice* originária, de modo que transcende meros quadros senis; antes, “envelhecer não é compatível com o ímpeto criador” (Minkowski, 1973, p. 133).

Eis, então, duas marchas ao futuro completamente diferentes, dando-se em distintos níveis, embora se manifestem simultaneamente. Tudo se passa nos seguintes termos: “*a vida em mim* vai em direção ao futuro, e eu vou em direção à morte” (Minkowski, 1973, p. 129). Trata-se de movimentos existenciais que, contudo, não são de igual valor: *a propulsão do ímpeto tem maior valor antes mesmo de assim sê-lo classificado socialmente*.

Isto implica que “a morte se incrusta de modo secundário em nosso futuro, que primariamente nos é dado pelo ímpeto vital” (Minkowski, 1973, p. 129). Há, ainda assim, diferenças na vida ordinária individual no que respeita ao “predomínio” (Minkowski, 1973, p. 129) da marcha da morte sobre a da vida ou vice-versa. No primeiro caso, o ímpeto é limitado em sua propulsão; preferem-se projetos que gerem resultados de curto prazo, “de rendimento imediato” (Minkowski, 1973, p. 129). Vê-se isso, explicitamente, nos ansiosos, deprimidos e melancólicos, nos quais “o predomínio dos fatores de morte acentua-se ainda mais” (Minkowski, 1973, p. 129). Este aspecto binário da marcha ao futuro reflete-se no campo da caracterologia, mais especificamente na oposição entre introversão e extroversão.

Minkowski descreve o *declínio* como a força que engendra a marcha da morte. Através dele, o envelhecimento é vivido interiormente, mais além de feitos como prejuízos nas funções psíquicas, somáticas e fisiológicas: “a vida passada se sintetiza, se condensa, para recordarmo-nos da morte, sua fiel companheira” (Minkowski, 1973, p. 131).

Esta marcha também é entendida como um caminho “para baixo”, em direção à “terra” (Minkowski, 1973, p. 131), que revela a materialidade das coisas desgastadas pelo tempo, até reduzirem-se a nada<sup>47</sup>, como a vida individual.

O fenômeno da morte apresenta, assim, um “dualismo vivido, de natureza dinâmica” (Minkowski, 1973, p.131). Revela que, diante de nós, existem dois caminhos, um “para baixo” e outro “até os céus” (Minkowski, 1973, p. 131). Tais termos são tomados em seu sentido temporal, assim como o *mais longe* e o *até o fim* descritos sobre os fenômenos relativos ao futuro no capítulo anterior, ainda que possam desdobrar-se em concepções espaciais e, devido a vicissitudes sócio-históricas, cristalizarem-se ideologicamente neste último extremo.

Nosso corpo, observa o autor, detém-se ao nível do desenvolvimento (caminho “para baixo”), mas a alma expande-se infinitamente (“até os céus”): o lutador de boxe tem carreira curta, ao contrário do escritor.

Todavia, conceber uma alma sobrevivente à degradação do corpo é esquematizar demasiado um fenômeno que não se permite ser representado mais do que é capaz de fazê-lo um pensamento abstrato. Assim proceder desemboca na simetria geométrica da *vida após a morte*, anteriormente criticada, ainda que conceber um final extremo tenda à redução de tudo aos fatores materiais e palpáveis da existência. Como todo fenômeno temporal, o raciocínio lógico só pode vir a demonstrar, a seu respeito, que a morte é contraditória em si mesma.

---

<sup>47</sup> Segundo Edith Stein, reduzirem-se às leis minerais (Stein, 2002).

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

No fundo de nosso ser, estas oposições racionais desfazem-se. A morte, assim, coloca-nos a questão do *problema vivido*, do *mistério*<sup>48</sup>, ao contrário da vida, que está demasiado próxima de nós para permitir-nos a visitação de tal experiência mística. Como o ímpeto ético e a plegária, a morte carrega o mistério em si: “não oramos somente para escapar da morte” (Minkowski, 1973, p. 135), senão para contemplar o Mistério. Frente ao fenômeno da morte e   experiência do mistério que ela nos faz visitar, encolhemo-nos.

A morte também aporta-nos a primeira noção a respeito do futuro: “sei que vou morrer, sei que um dia não serei” (Minkowski, 1973, p. 136). Fenomenologicamente, é a primeira *data* que se inscreve no futuro, embora não se possa precis  la. Se o fosse, “já não poderíamos viver”; ficaríamos obcecados em nossos relógios, “calculando o tempo que ainda nos restaria de vida” (Minkowski, 1973, p. 136). A data primeira é no sentido da produção de um dado fundamental, “a saber, que algo preciso deve produzir-se necessariamente no futuro” (Minkowski, 1973, p. 137). A morte, então, inaugura a própria possibilidade de podermos estabelecer-nos a noção de data.

Uma vez que nos traz a noção de um “depois”, de “um depois do qual eu já não existirei” (Minkowski, 1973, p. 137), na morte existe um elemento de *sobrevivência*. A vida biológica torna-se, deste ponto de vista, uma “falsificação da sobrevivência real que levamos em nós” (Minkowski, 1973, p. 137).

Trata-se de um “depois de mim” (Minkowski, 1973, p.137), que levamos dentro do nosso ser, não se referindo exatamente a dados quantificáveis e passíveis de serem precisados a respeito do que se passará aqui, cronologicamente, após nosso enterro. De este “depois de mim”, “minha vida saca todo seu sentido”, resultando que “toda vida se inspira no *depois* da morte” (Minkowski, 1973, p. 137).

---

<sup>48</sup> Não há como responder à pergunta “que serei quando já não seja?” (Minkowski, 1973, p. 135), embora ela não careça completamente de sentido. A morte   problemática “por sua mesma essência” (Ibid.). O mistério se desdobra de forma mais precisa em questionamentos do tipo “depois da morte” (Ibid.).

O *depois da morte* “me é dado mais primitivamente que a morte mesma e que tudo quanto a precede” (Minkowski, 1973, p. 138). “Participo deste depois muito mais intimamente que do presente e do passado” (Minkowski, 1973, p. 138), sacando dele minhas forças. *Ele revela o devir que ultrapassa a existência do ser em sua duração*. Nada tem a ver com o tempo mensurável. Depende do ímpeto ético, que vai mais além da morte, em sua “busca incessante e sempre igual do bem e do melhor” (Minkowski, 1973, p. 138). Em suma, a morte, do ponto de vista do futuro vivido, não é mais que um mero incidente, “para não dizer impossível” (Minkowski, 1973, p.138). Desde o presente, contudo, como se impõe ser vista, torna-se “limite fatal, detrás do qual para mim não há mais que o nada” (Minkowski, 1973, p. 138). Esta contradição se resolve quando, através do meu ímpeto, “olho sempre por cima da morte”, e “vivo um problema a respeito do ‘depois’ da morte, problema [originário] que não exige nem tolera resposta precisa alguma” (Minkowski, 1973, p. 138).

#### 6.7 Capítulo VI: O Passado

Após o estudo da morte, Minkowski passa à contemplação fenomenológica do passado. Como vivemos o passado? Apenas pelo fenômeno da memória? O Passado, em essência, não se deixa reduzir ao tempo que precede o presente, assim como o esquecimento<sup>49</sup> não se resume ao mero não se lembrar de datas ou nomes precisos.

É preciso, segundo Minkowski, suspender a noção biológica de memória, qual seja, de “rastros materiais capazes de influir nas reações da matéria viva” (Minkowski, 1973, p. 139), para que possamos reduzir o fenômeno do passado à sua essência. Se, de um lado, apresenta-se tal reiteração biológica, do outro há a

---

<sup>49</sup> Neste sentido, podemos aproximar Minkowski de Freud (1901/1989), à medida que ambos dão um novo destino à compreensão do fenômeno do esquecimento (ou lapso) que não a mera falha no circuito neurológico.



própria capacidade de *reconhecemos* o que se manifesta à nossa consciência. Desta última postura, chega-se à essência do fenômeno da *recordação*. A despeito da utilidade, na vida ordinária, de podermos lembrar-nos das coisas, o fator utilitário não alcança, ainda, a fenomenologia da memória e do passado, porque o esquecido, nessa perspectiva, é compreendido somente como um déficit da memória.

A recordação mostra-se como um importante fenômeno na análise fenomenológica do passado, mas ainda não o mais originário. Ela comporta um conhecimento: reconhecemos porque sabemos que já vimos, sabemos que determinado episódio teve lugar no passado. A recordação traz em si o "eu recorde" e o "aconteceu de fato" (Minkowski, 1973, p. 141).

A *memória*, enquanto um conjunto de recordações, parece estar relacionada com o enriquecimento de nosso saber. Mas também não é o mais essencial do passado. Se assim o fosse, ele estaria fora do tempo vivido, seria morto e inerte, sendo que "na realidade o passado não nos parece de modo algum despojado de vida; testemunham-no expressões como viver no passado ou reviver o passado" (Minkowski, 1973, p. 141).

Fenomenologicamente, observa Minkowski, a recordação *produz* e *reproduz* o passado: "o que foi não foi mais porque o recordamos" (Minkowski, 1973, p. 142). Encontrar algo, assim, implica sempre reencontrá-lo.

Em outras palavras, as recordações produzem o passado, revelando o "caráter *reprodutivo* de nossas recordações"; jamais podem ser consideradas como "*alucinações verdadeiras*" (Minkowski, 1973, p. 142). Estão sempre em função de outras lembranças.

Em seguida, retoma a diferenciação de E. Pichon sobre três graus de recordação: (1) árido, em que a lembrança aparece como equivalente de uma data (por exemplo, "esta obra foi publicada em 1933"); (2) comovedor, manifestando-se num devaneio ou numa conversa íntima em que se nos

apresentam de forma mais intensa, embora até certo ponto, os caracteres estéticos – cheiro, cor, visão – da recordação e (3) angustioso, em que "o passado revive com grande intensidade", chegando a nós manifestar-se como um estado de "tristeza aguda", pois "consiste no contraste entre a presença real endopsíquica do passado e sua irremediável inexistência objetiva" (p. 143).

Depois, reflete sobre a relação do passado com o princípio de homogeneização. Retoma Mignard, que distingue um passado longínquo – chamado de "massa do esquecido" (Minkowski, 1973, p. 144) – de um passado imediato, o qual se integra ao presente. Ao evocarmos, por um esforço mental, uma lembrança distante, o passado longínquo desdobra-se, aproxima-se do passado imediato em algumas de suas facetas. Eis, aí, o princípio de homogeneização (i.e., o desdobramento de um fenômeno temporal que desemboca no presente através de alguma ação específica, tal como acontece com o *agora* quando o tratamos de representar). Assim, entre o passado longínquo e o imediato, estende-se uma "neblina" (Minkowski, 1973, p. 145), surgindo-nos um "sentimento de conjunto" (Minkowski, 1973, p. 145-146).

Recordar, então, não nos remete unicamente à imagem de uma lembrança. O passado tem profundidade, é passível de ser revivido, de forma que "penetra, como por ruptura, com toda sua poderosa angústia, no presente e o invade por completo" (Minkowski, 1973, p. 146). Em outras palavras, o presente, em sua extensão e flexibilidade, é "capaz de englobar uma seção indeterminada do passado" (Minkowski, 1973, p. 146).

*Mas é a massa do esquecido a essência do fenômeno do passado vivido:* ela tende ao infinito, constituindo-se numa "massa obscura que nos revela a intuição primeira do passado" (Minkowski, 1973, p. 146), isto é, o fundo sobre o qual se desdobram os fenômenos mnemônicos, tal qual a recordação. Assim, o esquecido encontra seu valor positivo; é mais que uma mera deficiência da memória.

"Como conceber, com efeito, que um fato isolado possa não somente existir, senão também sobreviver a si mesmo a respeito do devir?" (Minkowski, 1973, p. 146-147), coloca Minkowski a respeito da massa do esquecido. Pois, enquanto a ação ética desconhece o passado, a obra pessoal obriga-nos sempre a olhar adiante, demonstrando o caráter dinâmico da vida. Já olhar para trás, numa postura ostentativa frente à qual nos satisfazemos com a suposta perfeição de nossa obra, faz com que ela murche, apague-se: "permanecer admirando uma ação passada seria destruí-la. É dar provas de estreiteza do espírito, de orgulho e de narcisismo" (Minkowski, 1973, p. 151).

Contudo, há um olhar essencial nesta compacta massa do esquecido, que faz nascer em nós "o desejo irresistível de seguir, de seguir sempre adiante" (Minkowski, 1973, p. 147). Assim, revela-se uma memória prospectiva, que corresponde não tanto ao passado, senão ao **sobrepassado** – "há que se superar" (Minkowski, 1973, p. 147) –, donde brota novamente nosso ímpeto. É mais uma das fontes vitais descritas por Minkowski ao longo desta obra<sup>50</sup>. Deste ponto em diante, ele utiliza *sobrepassado* como sinônimo da *massa do esquecido* ou *massa compacta*.

Assim, o dinamismo vital está mais alinhado com a noção de *sobrepassado* do que de *passado*. Ou seja, dele se beneficia nosso ímpeto em direção ao futuro, sendo que "para nosso ímpeto pessoal, o passado não pode existir mais que sob uma forma concentrada e global, quer dizer, sob a forma de *sobrepassado*" (Minkowski, 1973, p. 151).

---

<sup>50</sup> Eis os fenômenos temporais, descritos por Minkowski, que nos permitem sacar forças para seguir vivendo: a dimensão em profundidade do eu, o contato vital com a realidade, todos aqueles que nos aportam a vivência do mistério, o 'depois de mim' da morte e a massa compacta do passado (sobrepassado).

Até nos faz maravilhar-mo-nos que possa existir um passado para nós, que possamos evocar uma recordação, olhar para trás, reviver distintamente coisas passadas, fixar no passado acontecimentos precisos ou, para falar mais concretamente, que encontremos na vida, que não é mais que progressão, o 'tempo' para apartar nossos olhos desta progressão e olhar o que temos deixado atrás de nós. (Minkowski, 1973, p. 148)

Em seguida, passa à consideração do fenômeno do *remorso*. Ele concerne ao passado, nele fixando um ponto e fazendo-o sobreviver. Mas, além do componente retrospectivo, também possui um elemento prospectivo, "abrindo o caminho ao futuro" (Minkowski, 1973, p.149). É como uma "vereda rochosa" que "obstrui o horizonte", mas que desemboca no caminho vital da expansão da personalidade e da busca da ação ética (Minkowski, 1973, p. 150).

Relaciona-se ao *mal*, no mesmo sentido da obra, qual seja, deixa rastros pessoais e palpáveis no passado, ao contrário do bem, sempre intangível, impessoal e orientado ao futuro.

O *remorso* constitui uma *primeira recordação*, ou melhor, revela a própria possibilidade e necessidade de uma recordação consciente. Ele vem "a abrir a brecha pela qual o passado penetrará na vida" (Minkowski, 1973, p. 151). Relaciona-se ao *pesar* que, no entanto, é só um dos componentes do *remorso*. O *pesar* contém um "*haveria sido melhor se...*" (Minkowski, 1973, p. 151), também nos orientando ao futuro, com esperança de que as coisas se passem de forma mais amena. O *pesar* "é ao *remorso* o que a falta ou o erro são ao *pecado*" (Minkowski, 1973, p.150).

Minkowski coloca que o fenômeno da liberdade não existe em relação ao passado: nele não há horizonte e clareza, como no futuro, mas "vai perder-se nas trevas do infinito" (Minkowski, 1973, p. 152). Daí seu caráter retrospectivo, fazendo com que o passado individual confunda-se com o geral.

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

Em seguida, passa a tratar da *restrospecção*, que se constitui como uma "intuição primitiva do passado... que nos diz que enquanto olhamos para trás, vemos as coisas, qualquer que seja sua importância, encaminharem-se ao silêncio eterno do esquecimento" (Minkowski, 1973, p. 153). Esta marcha difere da do devir; é mais "lenta", reduzindo, paulatinamente, tudo ao silêncio. Mas ela "não é terrorífica nem dramática; antes, emana dela uma atmosfera de apaziguamento e até de serenidade filosófica" (Minkowski, 1973, p. 154).

Tudo isso descrito, Minkowski chama a atenção para a *organização radicalmente diferente do passado em relação ao futuro e ao presente*. O passado, e só ele, mostra-se compatível "com a existência de fatos isolados" e localizáveis, os quais podemos ver "contra o fundo geral da massa do 'esquecido'" (Minkowski, 1973, p. 154). Ele inaugura a própria possibilidade de concebermos fatos isolados, acontecimentos com começo, meio e fim.

É completamente diferente do presente, que "não recorta nem isola, senão integra, se desdobra e irradia, abrindo ante nós o horizonte do futuro" (Minkowski, 1973, p. 155). Assim, dá-se uma "mudança radical de atitude" ao passarmos do passado ao presente, o qual, fenomenologicamente, "não está destinado a converter-se inteiramente em passado" (Minkowski, 1973, p. 155), ainda que o passado traga-nos a vivência de uma "amputação de algo em relação ao presente vivido" (Minkowski, 1973, p. 155).

*O passado penetra no presente, assim como o faz em relação ao futuro, e não o contrário*. Assim ocorre quando, por exemplo, introduzimos fatos isolados neles pela via do pensamento discursivo, como na tentativa de previsão do futuro: "quando prevejo o que farei amanhã, não há, de modo algum, nesta previsão, futuro vivido; não há mais que passado ou, mais exatamente, não há mais que aquilo que passado amanhã será passado; o futuro vivido começa mais longe" (Minkowski, 1973, p. 156). A ciência torna-se uma tentativa, através da previsão, "de construir um futuro segundo a maneira do passado" (Minkowski, 1973, p.

157), assim como o pensamento religioso. Ambas, desta forma, apartam-se do tempo e do futuro vividos.

Assim como o passado é o que foi e o que já não é, não podemos dizer que o futuro seja, primitivamente, "o que será e ainda não é", senão "o que poderia e, sobretudo, deveria ser" (Minkowski, 1973, p. 157), postura embasada no ímpeto ético, sempre em direção ao bem e ao melhor. Também o presente não é, primitivamente, uma soma de fatos isolados, destinados a submergir no passado sob sua influência mesma; "sempre há algo no presente que, sem por isso ser esquecido, não se inscreve no passado" (Minkowski, 1973, p. 157).

Finalmente, Minkowski adiciona que um *fator de negação* penetra no tempo através do passado, uma vez que "o passado não somente foi, senão que *já não é*" (Minkowski, 1973, p. 157). A partir daí, o tempo "se racionaliza por si mesmo" (Minkowski, 1973, p. 157): a recordação "justapõe, de modo imediato e por si mesma, dois pontos do tempo, sob a forma de presente e de um ponto do passado, ambos separados por um intervalo vazio em relação à presença do acontecimento em questão" (Minkowski, 1973, p. 158). Mas a razão tem "horror ao vazio", e "apela aos restos mnemônicos e a outras concepções do mesmo tipo" (Minkowski, 1973, p. 158), afastando-se do tempo vivido. E é "tão somente depois que a negação penetra no passado que surge o problema racional da memória" (Minkowski, 1973, p. 158).

## 7. Considerações finais

Percebe-se que a crítica de Minkowski não repousa sobre o aspecto mensurável do tempo em si, mas, antes, em sua hegemonia, historicamente incrustada, quando considerado o fenômeno temporal na contemporaneidade. Sua ressalva recai sobre a necessidade de dar-se um passo atrás, visando resgatar o outro lado do tempo, *o tempo do devir*, que o revela como fenômeno

vital essencial. Apenas assim, defende o autor, pode-se contemplar o fenômeno temporal em toda sua complexidade.

Da mesma forma, no campo da Psicopatologia, não seria válida uma crítica isolada ao momento atual, no qual predomina a mera descrição fenomênica dos transtornos mentais, tornando-os ainda mais numerosos com a publicação do DSM-5 (APA, 2013). Antes, atentamos para as vantagens diagnósticas e terapêuticas, tal como as temos testemunhado no enquadre do AT, da compreensão fenomenológica das afecções mentais, complementar ao catálogo fenomênico-descritivo dos diferentes quadros mórbidos.

Nas vinhetas clínicas apresentadas, vimos como muitos gestos e vivências dos pacientes parecem haver sido *inaugurados* pelo trabalho clínico sustentado nesta perspectiva, que visa facilitar à Pessoa do acompanhado (re)colocar-se no tempo do devir, isto é, resgatar a vivência de sua própria temporalidade subjetiva. A antropologia fenomenológica de Minkowski discorre sobre a existência humana *orientada essencialmente ao futuro*, em direção ao qual vamos com *todo* o nosso ser. Ou seja, nenhum prognóstico pode ser excessivamente fechado, e nunca é tarde demais para tentar (re)encontrarmos com as poderosas ondas do devir.

Em suma, acreditamos ser importante a revisitação de uma obra como *O Tempo Vivido* em uma época na qual já não nos basta mais sequer a efetividade de determinado protocolo, mas sobretudo sua eficácia, visando-se à redução de custos num contexto em que *tempo é dinheiro*<sup>51</sup>, portanto, experienciado como exclusivamente quantificável e controlável. Como podemos perceber a partir do trabalho Minkowski, esta alienação da vivência temporal em sua faceta assimilada ao espaço é, ela mesma, uma fonte do adoecimento moderno.

---

<sup>51</sup> Segundo o dito popular.

A tentativa de mensuração e aceleração do tempo a qualquer custo não pode mais que alijar-nos do essencial da vida, qual seja, o contato afetivo com o ambiente, que se traduz em nossos vínculos interpessoais. Esta agonia é ilustrada na canção "Sinal Fechado", de Paulinho da Viola, na qual dois conhecidos travam um angustiante diálogo ao se encontrarem, cada um em seu carro, num semáforo qualquer da vida. É com ela que finalizamos este trabalho.

Olá, como vai ?

Eu vou indo e você, tudo bem?

Tudo bem eu vou indo correndo

Pegar meu lugar no futuro, e você?

Tudo bem, eu vou indo em busca

De um sono tranquilo, quem sabe ...

Quanto tempo... pois é... Quanto tempo...

Me perdoe a pressa

É a alma dos nossos negócios

Oh! Não tem de quê

Eu também só ando a cem

Quando é que você telefona?

Precisamos nos ver por aí

Pra semana, prometo talvez nos vejamos

Quem sabe?

Quanto tempo... pois é... (pois é... quanto tempo...)

Tanta coisa que eu tinha a dizer

Mas eu sumi na poeira das ruas

Eu também tenho algo a dizer

Mas me foge à lembrança

Por favor, telefone, eu preciso



## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

Beber alguma coisa, rapidamente

Pra semana

O sinal...

Eu espero você

Vai abrir...

Por favor, não esqueça,

Adeus...

### Referências bibliográficas

Ales Bello, A. (2013). Prefácio. In M. Mahfoud, & M. Massimi (Orgs.), *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 9-13). Belo Horizonte: Artesã.

\_\_\_\_\_. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. São Paulo: EDUSC.

American Psychiatric Association (APA). (2013). *Diagnostic and statistic manual of mental disorders (DSM-5)*. Arlington: APA.

\_\_\_\_\_. (1980). *Diagnostic and statistic manual of mental disorders (DSM-III)*. Washington: APA.

Antúnez, A.E.A. (2012). *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia*. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Antúnez, A.E.A., Barretto, K.D., & Safra, G. (2011). Acompanhamento Terapêutico: contribuições de Minkowski. In A.E.A. Antúnez (Org.). *Acompanhamento Terapêutico: casos clínicos e teorias* (pp.13-19). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Bartélémy, J-M. (2012). Origem e contexto da emergência da noção de estrutura em psicopatologia fenômeno-estrutural: evolução do conceito, seu lugar e suas implicações nas práticas clínicas contemporâneas. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 1(1), 88-105.

Burkle, T.D.S. (2009). *Uma reflexão crítica sobre as edições do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais - DSM*. Dissertação de Mestrado,

Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Calderoni, D. (2006). *Silêncio à luz: ensaios para uma ciência do singular*. São Paulo: Vila Lettera.

Cardinalli, I.E. (2004). *Daseinsanalyse e esquizofrenia um estudo na obra de Medard Boss*. São Paulo: EDUC.

Chaui-Berlinck, L. (2012). *Novos andarilhos do bem: caminhos do acompanhamento terapêutico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Cruz, M.S. (2012). Acompanhar-encontrar: o mundo que se habita. *Cadernos HabitAT*, 1(2), 21-16.

Cunha, D.W. (2005). *Tempo de ensinar e tempo de aprender: a temporalidade de professores de uma escola pública*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Dartigues, A. (1973). *O que é a fenomenologia?* Rio de Janeiro: Eldorado.

Forguieri, Y.C. (2007). *Aconselhamento terapêutico: origens, fundamentos e prática*. São Paulo: Thomson.

Freud, S. (1989). Psicopatologia da vida cotidiana. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 6, pp. 11-271). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).

Mahfoud, M., & Massimi.(2013) M. A fenomenologia de Edith Stein fertiliza o campo da psicologia no Brasil. In M. Mahfoud (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp.15-19). Belo Horizonte: Artesã.

Marmorato, P.G. (2012). A hiperatividade no tempo de Minkowski. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 1(1), 124-134.

Martins Costa, V.E.S., & Medeiros, M. (2009). O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 375-383.

Minkowski, E. (2011). O tempo vivido. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 87-100.

\_\_\_\_\_. (2000). *La esquizofrenia: psicopatologia de los esquizóides y los esquizofrênicos*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1927).

## Sobre o aspecto temporal da vida em Minkowski: revisitando *O Tempo Vivido*

- \_\_\_\_\_. (1999). *Traité de psychopathologie*. Paris: Presses universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1966).
- \_\_\_\_\_. (1973). *El tiempo vivido: estudios fenomenológicos y psicológicos*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1933).
- \_\_\_\_\_. (1970). Estudio psicológico y análisis fenomenológico de un caso de melancolia esquizofrénica. In E. Minkowski, V.E. Gebsattel, & E. W. Strauss. *Antropología de la alienación: ensayos* (pp. 13-35). Caracas: Monte Ávila. (Trabalho original publicado em 1923).
- Messas, G. (2006). *Álcool e drogas: uma visão fenômeno-estrutural*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moreira, V. (2012). Introdução. In A. Tatossian, & V. Moreira. *Clínica do Lebenswelt: psicoterapia e psicopatologia fenomenológica* (pp. 19-28). São Paulo: Escuta.
- Pereira, M.E.C. (2004). A perda do contato vital com a realidade na esquizofrenia, segundo Eugène Minkowski. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(2), 125-129.
- Safra, G. (2013). Disponibilidades para a realidade psíquica não sensorial: fé, esperança e caritas. *IDE*, 36(56), 91-104.
- \_\_\_\_\_. (Locutor). (2009). *Acompanhamento terapêutico e a clínica da pessoa* [DVD]. São Paulo: Sobornost. Aula ministrada no curso Uma formação clínica baseada na ética para o mundo contemporâneo em 22/08/2009.
- \_\_\_\_\_. (2004). *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida: Edições Sobornost.
- \_\_\_\_\_. (1999). *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco.
- Silva Neto, N.A. (2004). A atualidade da obra de Eugène Minkowski (1885-1972). *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 24(2), 50-62.
- Stein, E. (2002). *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC.
- Tatossian, A. (2012). Aspectos fenomenológicos do tempo humano em psiquiatria. In A. Tatossian, & V. Moreira. *Clínica do Lebenswelt: psicoterapia e psicopatologia fenomenológica* (pp. 71-90). São Paulo: Escuta.

\_\_\_\_\_. (2006). *A fenomenologia das psicoses*. São Paulo: Escuta.

Villemor-Amaral, A.E., & Yazigi, L. (2010) Introdução à psicopatologia fenômeno-estrutural. In A.E., Villemor-Amaral, & Yazigi, L. (Org.). *Psicopatologia fenômeno-estrutural* (pp. 9-28). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Zegers, O.D. (2011). Fenomenología de la intersubjetividad en la enfermedad bipolar y en la esquizofrenia. *Salud Mental*, 34(6), 507-515.